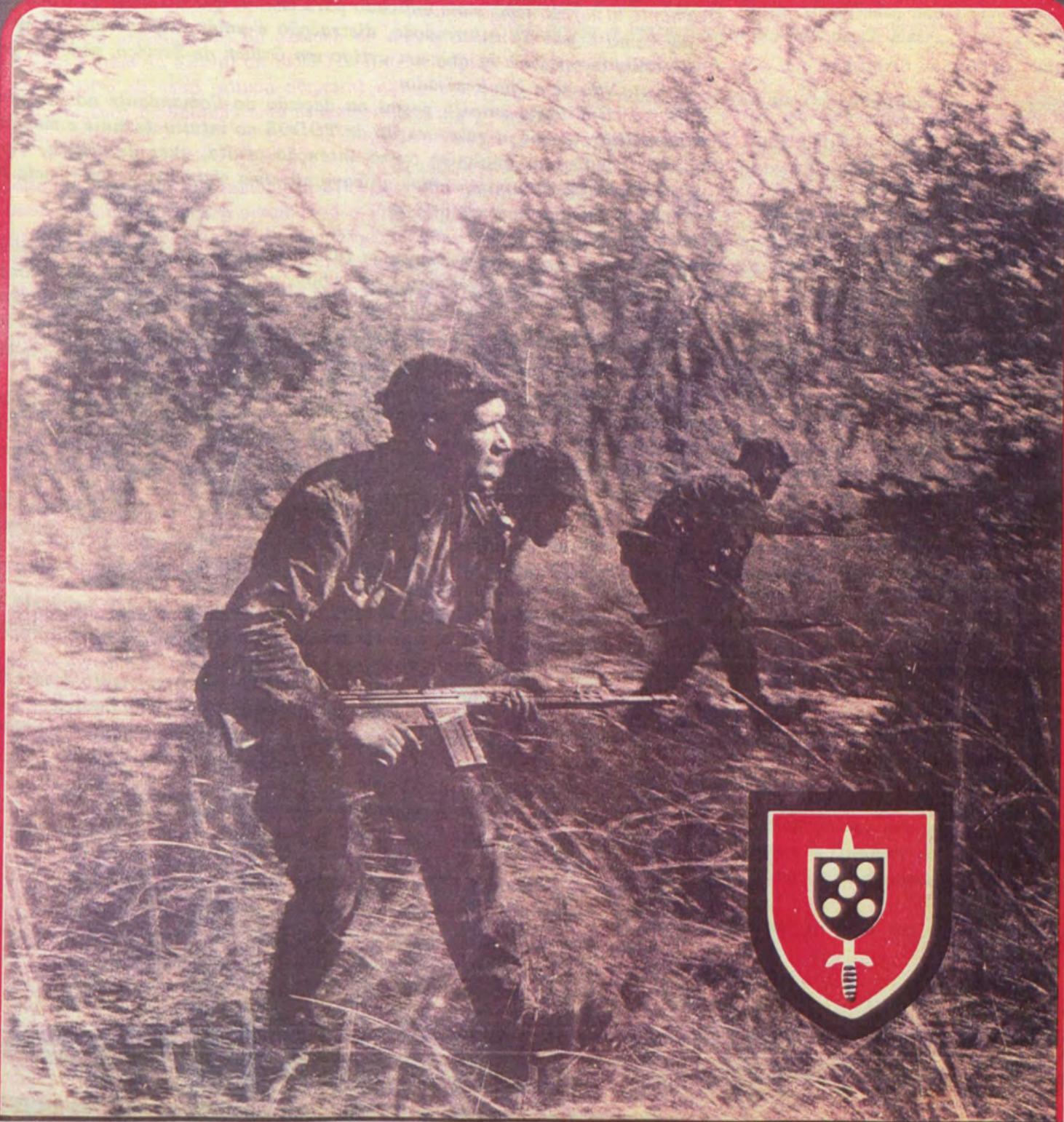


COMANDOS

Director: COMANDANTE DO C.I.C.

ANO I—FEVEREIRO 1974—N.º 11



EDITORIAL

ACHOU por bem o Comandante do CIC dar a conhecer a todos os seus elementos, o que foi o ano de 1973 sob o ponto de vista disciplinar.

E nada mais indicado para isso do que o Jornal da Unidade, que como órgão de informação, distração e união, melhor do que uma directiva ou melhor do que um artigo em Ordem de Serviço, pode perfeitamente atingir o fim desejado.

Um único intuito pesou na decisão do Comandante ao escrever este artigo — pedir a colaboração de TODOS no intuito de mais e melhor.

Não tem qualquer outra intenção oculta, quer de crítica, quer de lamentação ou ameaça, mas unicamente uma chamada à consciência de cada militar, que se preza de o ser.

NÃO apareceram no decorrer de 1973 problemas disciplinares complicados ou que desprestigiassem o bom nome dos «Comandos»: houve sim, muitas e pequenas ocorrências, bastantes das quais podiam e deviam até ser evitadas. Desapareceram, quase por completo, as «arruaças» nos Bairros Populares, as «correrias nocturnas» e as «agressões indiscriminadas».

Desapareceram, quase por completo, as «intromissões» no serviço das Autoridades legalmente constituídas, (mais concretamente P.S.P. e P.M.) e que por dever de função têm de agir a bem da ordem, do sossego e do bem estar das populações.

Mas para isso foi preciso actuar com firmeza, separando o «trigo do joio» e eliminando, por uma vez, todos aqueles que não queriam colaborar.

ASSIM, durante o ano de 1973, foram transferidos, por proposta do Comando do Centro, e para zonas operacionais nada menos do que 128 militares «Comando» e «não Comando».

O número é bastante sintomático e o desaparecimento desses militares ajudou a melhoria nítida do ambiente disciplinar do Centro.

Contudo, durante o ano de 1973 verificaram-se ainda as seguintes faltas:

Mau atavio	29
Ausentes sem licença ou desertores	7
Acidentes de viação	21
Infracções à Portaria 23 091	22

(mais concretamente, excessos de velocidade, abandono de viaturas, alteração de itinerário, transgressões, etc.)

Desordens e agressões	4
Faltas de dispensa	48
Diversos	26

(falta de B.I.M., uso de farda camuflada, não aguardar a viatura para recolha da C. Extr., etc.)

Todo este conjunto de faltas dá um somatório de 157 participações em 12 meses.

É preciso salientar que estas participações são unicamente aquelas em que houve a intervenção da Polícia Militar.

Muitas mais apareceram durante o ano, quer enviadas pela P.S.P., quer por queixas directas no Centro, no Q.G. ou no CCF.A.

Em consciência, atendendo a que dizem respeito a Tropas especiais, Tropas essas em que a disciplina deve ser considerada como fundamental, devemos considerar os números apresentados como excessivos e em condições de serem diminuídos.

SE NÃO VEJAMOS :

— Há algum motivo para apresentação em público de cabelos crescidos e fardamento em mau estado ?

Parece-me que não, e a solução deste problema é bem fácil.

— Há algum motivo para faltas de dispensa na cidade ? Alguém as nega quando há o pleno direito de as usar ? Parece-me que esta deficiência se deve a uma natural preguiça de preenchimento de dispensas e nada mais.

— Há motivo por parte dos condutores para alteração de itinerários ou abandono das viaturas ? E estas faltas, muitas vezes inconscientemente praticadas, são consideradas como «excepcionalmente graves» e normalmente as sanções são bem pesadas.

— Há algum motivo para que qualquer Praça, quando na cidade, não se faça acompanhar do seu B.I.M. ou o não ter actualizado ? Na vida civil qualquer cidadão não traz sempre consigo os seus papéis de identificação ?

COM BOA VONTADE de TODOS, com interesse em cumprir, parece-me que eliminando estas pequenas faltas que acabei de citar, a percentagem de infracções relativas à Unidade seria muito mais baixa e mais de acordo com os nossos princípios de disciplina e de subordinação ao que legalmente está determinado.

É mais um desafio à consciência de cada um que aqui deixa o vosso

COMANDANTE

OS EXILADOS RUSSOS

O exílio, forçado ou voluntário, parece ser um sinal distintivo de muitos dos grandes espíritos da história da Rússia, quer sob o regime dos Czares, quer sob o regime comunista.

Durante séculos, os exilados russos têm exercido uma influência determinante sobre a História do seu país. Vladimir Lenine, o pai do Estado Soviético, é um exemplo entre outros.

Agora que Alexandre Soljenitsyne, o autor do «Arquipélago de Goulag», foi expulso do seu país e desapossado da cidadania russa, por um decreto do «Presidium do Soviete Supremo», põe-se uma questão que influência continuará ele a ter sobre a sua terra natal?

Soljenitsyne juntou-se ao vasto campo dos emigrados russos que dos descendentes das grandes famílias aristocráticas, aos homens políticos revolucionários e que forneceu ao Ocidente uma verdadeira pleiade de artistas, de sábios e de escritores de renome internacional.

No século passado, após o exílio voluntário do escritor e revolucionário Alexander Herzen, o Czar Alexandre III tornou-se leitor assíduo de «O Campanário», revista política e literária que ele publicava no exílio.

Pouco tempo antes da sua prisão e deportação, Soljenitsyne tinha declarado que muitos membros do Comité Central do Partido, liam avidamente — e em segredo — o seu «Arquipélago de Goulag», obra na qual descreve a vida quotidiana num campo de trabalho.

Também se diz, no entanto, — desde os Czares à actualidade — que os escritores russos, saídos do país, se desenraizam e perdem as qualidades que os faziam grandes no seu solo natal. O exemplo mais citado é o do grande Tourgueniev, que fora do seu país, escreveu as suas últimas linhas numa mistura de russo, francês e italiano. Mas, qualquer que tivesse sido o efeito do exílio sobre os seus dons criadores, o regresso das cinzas de Tourgueniev à Rússia, em 1883, foi um acontecimento político de primeiro plano no decorrer do qual, outra das glórias da literatura russa — Fiodor Dostoievsky — exprimiu, num célebre discurso pronunciado na estação de caminho de ferro de São Petersburgo, toda a angústia que imperava sobre a «intelligentsia» do seu país.

Em Abril de 1917, um outro comboio trazia, também do exílio e até à mesma estação de São Petersburgo, um outro exilado, mas desta feita um que vinha bem vivo e que deveria mudar a face da Rússia: era Lenine, que tinha preparado a revolução noutras paragens, na Inglaterra, em França, na Alemanha, na Suíça e na Itália, países onde sucessivas gerações de revolucionários expatriados tinham conspirado para derrubar o regime czarista.

A influência política de León Trotsky — exilado por José Staline em 1919 — diminui muito depois da sua partida. Mas nem por isso deixou de ser (e ainda é!) o «tortkismo» um dos pecados mortais da Rússia Soviética e Trotsky acabou por ser assassinado no México, ao que apenas cedia o passo a Le-

nine, quanto ao papel dos dirigentes soviéticos tinha desempenhado na revolução, e a atitude reduzível anti-stalinista, até morrer.



A influência que Soljenitsyne exercerá, daqui em diante, sobre o país — onde os seus direitos são interditos — não poderá manifestar-se de forma directa. Quanto muito poderá influenciar as redacções do Mundo, ante as medidas tomadas pelo Kremlin: é ali que o seu peso se poderá sentir...

Em 1931, Eugene Zamiatine, autor de «Nós» — uma visão glacial dum futuro Estado totalitário — declarou a Staline, a quem pedia autorização para se expatriar: «Imploro-lhe que me conceda autorização de me deslocar ao estrangeiro, durante uns tempos a fim de que possa voltar ao meu país, quando me for possível, para poder exprimir os meus sentimentos ante as grandes ideias que nos motivam, sem ter de rastejar ante homens pequenos...». Foi autorizado a deixar a União Soviética e morreu, 6 anos mais tarde, em Paris.

Enquanto Soljenitsyne foi despojado da sua cidadania e expulso logo em seguida, o professor de genética Iores Medvelev viu acontecer-lhe o mesmo, quando efectuava uma «tourné» de conferências científicas na Grã-Bretanha, no ano passado. O mesmo aconteceu a Valery Chaidze, jovem físico que tinha deixado a URSS em 1972. Hoje, reside em Nova Iorque onde está a publicar «A crónica da defesa dos direitos do Homem, na URSS».

Um dos casos mais conhecidos de disidência intelectual soviética, é o de Andrei Sinyavsky, crítico literário, que vive hoje em Paris. Saiu da URSS em Agosto do ano passado, mas conserva ainda o seu passaporte soviético.

A ironia está em que, num país em que é tão difícil ao cidadão comum viajar pelo estrangeiro, a punição suprema seja, justamente o exílio!

No seu romance «O primeiro círculo» Soljenitsyne fala dum «castigo pior do que 25 anos de trabalhos forçados». E diz «Equivale a uma castração espiritual: é o artigo 20, secção A, que condena um homem a ser declarado **Inimigo dos Trabalhadores** e a ser expulso do território da URSS. Que vá apodrecer no Ocidente...» — declara um dos personagens do romance...

Durante séculos, a «intelligentsia» russa esteve dividida entre os partidários e os adversários do isolacionismo. Entre os «ocidentais» e os «eslavófilos» o conflito parece resultar da incapacidade que possui o sistema soviético de argumentar racionalmente com os que fazem a sua crítica do interior; e a impossibilidade que estes encontram, de tolerar a vida num Estado monolítico, que os impede de se exprimirem livremente.

RICHARD WALLIS



A NOSTALGIA DO COSMOS

A conquista espacial, o desejo de visitar mundos desconhecidos, que desde sempre habitou o homem, as religiões, que emprestam ao Céu o poder dos deuses invisíveis, não será tudo isto mais do que a antiga nostalgia legada pelos seres cósmicos, que nos teriam transmitido conhecimentos responsáveis pelo nosso condicionamento de animais superiores?

Com *Regresso às Estrelas*, Erich von Däniken pretendeu dar continuação à sua obra anterior *Presença dos Extraterrestres*. Este jovem escritor, nascido a 14 de Abril de 1935 em Zofingen, na Suíça; infatigável viajante e fervoroso investigador de mistérios indecifráveis — que deixaram, todavia, irrefutáveis testemunhos —, afirma: “O desenvolvimento da inteligência no homem não me parece ter sido apenas o resultado de uma interminável evolução. Além de que este fenómeno se verificou com demasiada rapidez. Acho que os nossos antepassados receberam dos “deuses” a inteligência, e estes deviam dispor de conhecimentos que fizeram parar este processo...”

Terá Eva nascido numa proveta? “Então Jeová fez o homem mergulhar num sono profundo. Tirou-lhe uma costela, voltou a fechar a carne. Depois, da costela que tirara ao homem, Jeová talhou uma mulher e levou-a junto do homem. Então este exclamou:” “É o osso dos meus ossos e a carne da minha carne. Esta será chamada *mulher*, pois foi tirada do homem”. (*Génese*, 2-21, 22, 23.)

Ao analisar esta versão bíblica da criação da mulher, Erich von Däniken chama a atenção para o facto de certas pinturas rupestres representarem singulares alambiques na proximidade de figuras de homem primitivo e avanta esta hipótese engenhosa: “Teriam inteligências estrangeiras, com perfeito domínio da ciência e conhecimento das reacções imunobiológicas, utilizado a medula de Adão como cultura celular para aí fazerem desenvolver o germe? Tudo indicava a costela, pelo seu fácil acesso, como receptáculo neste acto de reprodução que nenhuma lei biológica impede. (...) Por outro lado, dado que na Bíblia Adão recebe Eva por companheira de um dia para o outro, se a minha teoria da criação artificial da mulher está certa, deveríamos poder encontrar representações de uma figura feminina nas paredes das cavernas e nos ossos da Idade da Pedra. Cronologicamente, estas representações deveriam também aparecer de

modo repentino. E, efectivamente, esta suposição confirma-se por vários aspectos, pois foi só no início da Idade da Pedra que apareceram as chamadas *deusas da maternidade*...”

O enigma dos homens “novos”. Antes da vinda dos senhores do Cosmos, os homens antigos acasalavam-se com fêmeas do reino animal. Neste ponto, a mitologia fornece-nos numerosos exemplos, que vão da Esfinge egípcia e grega, passando pelo Minotauro (o homem-carneiro), os centauros e as sereias, sem esquecer a mulher-serpente, divindade dos Sitas-Sarmatas, a fada Melusina... Eva, criação dos senhores do Cosmos, devia assim eliminar estas relações culpáveis a que a Bíblia se refere. Daí em diante, o “homem novo” passa a ter uma companheira da sua raça. “Os deuses — diz Däniken — corrigiram este pecado depois de alguns milhares de anos: aniquilaram os homens-animais, seleccionaram um grupo de homens novos que tinham tido uma evolução normal, e implantaram nestes um novo

material genético, graças a uma segunda mutação artificial. Para os paleoantropólogos, a separação brusca, quase repentina, do grupo de *homo sapiens* ao qual pertencemos, da família dos primatas, que apresentava já características próprias do tipo humano, constitui um enigma. Contentamo-nos em explicar provisoriamente este fenómeno por uma mutação espontânea...”

Data aproximada da “mutação artificial” do homem novo. Se se admitir hipótese (muito viável) de Däniken no que respeita a uma “mutação artificial dirigida”, convém tomar como base as datas indicadas pelos pré-antropólogos, segundo as modificações essenciais verificadas nos nossos antepassados primitivos. Assim, esta primeira “experiência” deveria situar-se entre o ano 40 000 e o ano 20 000 a.C. A segunda mutação artificial obtida pelos “deuses”, graças ao código genético, seria, também ela, muito mais recente: isto é, entre 7000 e 3500 antes da era cristã. “Se considerar estas datas — observa Däniken —, sou levado a pensar que a primeira visita dos “deuses” se realizou aproximadamente no período que viu aparecer os primeiros desenhos e as primeiras esculturas femininas...”

O simbolismo da esfera e o mistério de Costa Rica. Esferas, ovos, círculos alados e rodeados de raios, que decoram as paredes das cavernas e as rochas, rele-



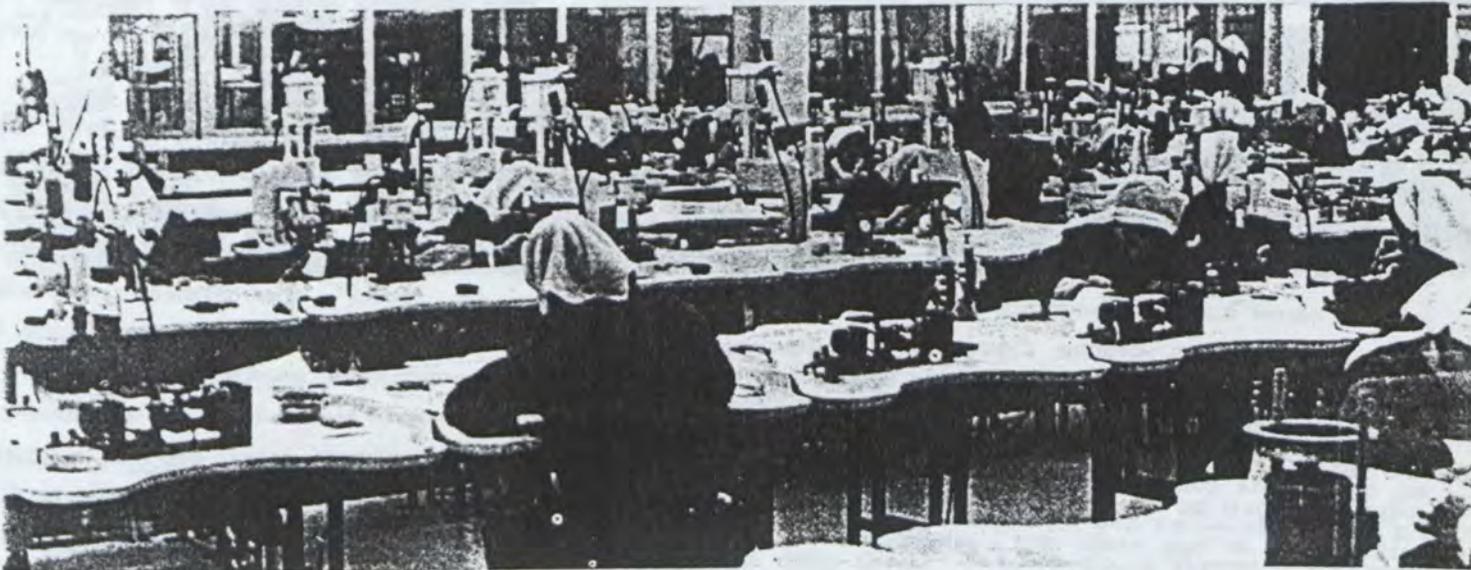
À esquerda: idolo feminino de quatro faces com um símbolo solar, descoberto no lago de Maracaibo. À direita: estatueta antiquíssima, representando “nitidamente” um cosmonauta.



vos antigos ou espirais, não tem fim. "Mas a verdadeira sensação arqueológica em matéria de esfera continua à espera de ser decifrada no pequeno Estado da Costa Rica, na América Central." Espalhadas por centenas ou milhares, na selva, nas colinas, nas mais altas montanhas e nos deltas, aparecem estas esferas — que alcançam a perfeição —, cujo diâmetro vai de alguns centímetros a 2,5 metros. O recorde é batido por uma delas, recentemente desenterrada, que pesa 10 toneladas!

Daniken quis "ver com os seus próprios olhos" duas gigantescas esferas de que lhe tinham falado, na floresta virgem: as esferas das *Piedras Blancas*. Alguns especialistas não receiam afirmar que estas enormes bolas lá se encontram há apenas umas centenas de anos! "Essas esferas — diz Däniken — estavam lá sem dúvida antes de a vegetação luxuriante ter começado a desenvolver-se." Na realidade, a própria selva é imemorial. "Actualmente, de facto, nós podemos *transplantar* Abu-Simbel pondo em prática consideráveis meios técnicos, mas pergunto a mim próprio de que maneira, mesmo nós, poderíamos colocar tais esferas na floresta virgem, como é o caso destas".

Nota curiosa: nenhuma pedra onde estas esferas pudessem ter sido talhadas e polidas com arte consumada se encontra perto ou longe do local. A perfeição do trabalho implica, da parte dos escultores, "conhecimentos profundos de geometria e instrumentos tecnicamente bem concebidos..." Em 1940, um rela-



A Pedra do Calendário atesta o altíssimo conhecimento que os astecas tinham das leis do universo, especialmente da medição do tempo. Essas mesmas leis que permitem hoje haver moderníssimos relógios. (Em cima: a famosa pedra asteca. Em baixo: fábrica de relógios "Timex" em Portugal.)

tório pormenorizado do arqueólogo Doris Z. Stone estabelece (oficialmente): "Devemos incluir as esferas da Costa Rica nos enigmas megalíticos indecifráveis."

Conclusão de Däniken a respeito destas esferas misteriosas. "Estas esferas contêm um segredo. Não pude descobri-

-lo, mas confirmou-se a minha ideia de que as esferas pré-históricas, e a sua representação nos relevos e nas paredes das cavernas, têm uma relação causal com a visita de inteligências estrangeiras que aterraram no nosso planeta numa esfera. Estes visitantes sabiam já e tinham verificado que a esfera é a forma

apropriada para as viagens interplanetárias. É muito provável que a longa viagem às estrelas, que um dia se realizará a partir da Terra (e esse dia não vem longe), se fará também num veículo espacial de forma esférica. Na verdade, a esfera é, por natureza, a forma geométrica mais adequada ao voo no espaço..."

IMAGENS DO MUNDO

OS "STREAKERS"

Nasceu um novo movimento de protesto. Um movimento que con-substancia os mais novos irmãos dos «hippies» e que está a alastrar por todo o mundo. Trata-se dos «streakers» que correm, de noite, completamente nus pelas ruas de qualquer cidade — por enquanto somente na América e pouco mais — convencidos de que são um «raio de luz» que atravessa os valores tradicionais. E só nos faltava mais esta, neste mundo que parece cada vez mais louco.

Os jovens americanos dos anos 60 protestavam contra a guerra do Vietname; os dos princípios de 70 contra Nixon. E que haviam de fazer os que se aproximam do fim desta década? Pois, simplesmente, despirem-se completamente e desatarem a correr nus pelos «campus», pelos parques, ruas, praças, cidades, e vilas.

É verdade. É a última novidade em matéria de contestação. Correr em traje Adão — ou Eva — é actualmente a grande moda dos Estados Unidos, o autêntico tópico desta Primavera antecipada, paródia de muitos e indignação de poucos e de que se estão ocupando, desde já, os comentaristas, sociólogos e sacerdotes.

A epidemia — se epidemia se pode chamar — nasceu na quente Florida, há cerca de um mês e daí

se tem estendido ao médio e distante Oeste dos Estados Unidos para alcançar já as esquinas mais distantes do país, como o Alaska e Maine e até, pelas últimas notícias, ao Canadá e Colúmbia.

O nome que se dá a estes devotos do mais antigo dos desportos é o de «streakers», de «streak», raio de luz, possivelmente porque um bom «streaker» gosta da noite para as suas caminhadas e não deixa de ser um espectáculo ir a qualquer sítio e ver aparecer, de repente, um homem ou uma mulher completamente despídos que imediatamente desaparecem no silêncio e obscuridade das trevas. Às vezes, nem dão tempo para se saber se se trata de um homem ou de uma mulher, não obstante a oportunidade de se poder certificar, melhor do que nunca, o sexo do contestatário.

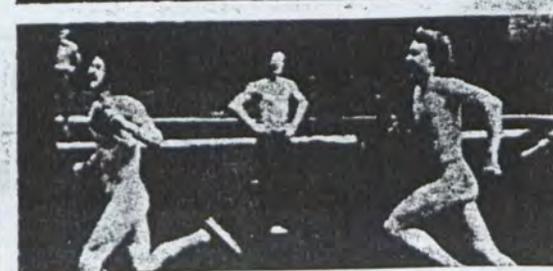
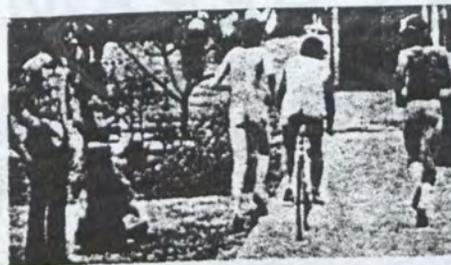
O mais que se permite levar vestido a um «streaker» são uns sapatos de ténis ou, quando muito, umas meias de lã. Pode também levar como adorno uma longa barba mas, mais coisa alguma. E todo aquele que levar mais alguma coisa vestido é um falso «streaker». Há «streakers» que caminham sozinhos sem se importarem do mundo que os rodeia. Todavia, como a América é um país de massas, começaram já a organizar-se e assim na Universidade de Memphis, corre-

ram, há duas semanas, num sábado, mais de 200 rapazes e raparigas ante 4000 espectadores que naquela noite resolveram abandonar os bares e a televisão para apreciarem o novo espectáculo. A Universidade de Missouri reclama já o novo recorde de «streakers», com 600 indivíduos correndo numa só sessão. O mais «alto» «streaker» registado até agora é o daquele jovem que num Jumbo da Pan América, a caminho de Londres, se meteu no lavabo, saiu sem uma única peça de roupa, deu um passeio pelos corredores e voltou ao lavabo para se vestir.

Já estão estabelecidas as regras para os espectadores desta nova mania, — pois não vamos, pelo menos, por enquanto chamar-lhe desporto — que assistem ao espectáculo que devem cantar, aplaudir, animar e saudar com os braços ao alto a passagem dos «streakers».

Confusa está ainda a investigação do fenómeno. Correr nu, não é novidade alguma no género humano, nem mesmo na cultura ocidental — os gregos compunham assim as suas palestras — mas, na nossa época, com excepção dos campos de nudismo, o fenómeno em público não tinha ainda verificado e não faltarão agora os estudiosos procurando explicar o porquê e o para quê do fenómeno.

RS" A NOVA LOUCURA DO SÉCULO



Sabendo-se que um corpo completamente nu é bastante menos erótico do que outro envolto em inverosímeis trajes, como os de banho, por exemplo, há que afastar todo o aspecto de sensualidade. Há, todavia, um deliberado esforço para saltar as barreiras das Normas da velha sociedade, de demonstrar a futilidade dos seus valores e nesse sentido, «streaking» é, sem dúvida, o último dos «happening» da revolução cultural dos anos setenta, a etapa final daque-

las barbas, das roupas porcas e esfarapadas, das filosofias «hippies», daquele desafio às gerações mais velhas. E se perguntarmos aos rapazes e raparigas que se dispõem a andar pelas ruas como as suas mãezinhas as trouxeram ao mundo, eram capazes de responderem simplesmente que é só para contestar.

E o que tem feito a Polícia! Por enquanto tem demonstrado muita paciência e uma receptividade

maior do que um confessor posconiliar. E para elucidar esta condição, bastará citar o mais filósofo exemplo de um guarda a quem foram dizer que se ia realizar um «streaking» num «campus», respondeu: — Ainda bem, pois estava a pensar que iam fazer uma manifestação anti-Vietname».

HUMBERTO LOPES

FAZENDA CUERAMA, S.A.R.L. PECUÁRIA

CAIXA POSTAL, 1378

LUANDA



AGÊNCIA DE VIAGENS UNIÃO

União Imobiliária e Comercial S.A.R.L.

Unimol

(FUNDADA 1933)

EXCURSÕES INTERNACIONAIS DE TURISMO • EXCURSÕES EM ANGOLA EM CARROS E AUTOCARROS PRIVATIVOS, CARROS DE ALUGUER SEM CONDUTOR • CORRESPONDENTES EM TODO O MUNDO, SEGUROS, SAFARIS FOTOGRÁFICOS DE CACA E PESCA.

AV. PAULO DIAS DE NOVAIS, 33 — P. O. BOX / C. P. 6534 — TELEG. «UNIMOB» — TELEFONE: 72131-72467-72952 — TELEX-3174 UNIMOB1-AN — LUANDA-ANGOLA



DE



PARA TODO O



DE TODO O



PARA



HUMOR



- Meu filho, já te ensinei tudo o que sei. Podes governar a tua própria vida.



- Já pensaste na cara da minha mãe, quando der por falta dele?



- Juro-te, filha, que fiz o que me foi possível para não o deixar fugir!



O CASO DO ESPIÃO "CÍCERO"

Entre Outubro de 1943 e Abril de 1944, no período crítico da guerra, chegou às mãos de Kaltenbrunner e Ribbentrop uma média de 400 fotocópias de documentos «extremamente confidenciais e secretos» oriundos de Ankara. No princípio todos foram recebidos com uma certa desconfiança. Em Berlim admitia-se que se tratava de mais uma das armadilhas dos ingleses, pois o trabalho de «Cícero» era extremamente perfeito.

Somente após o bombardeamento de Sófia, em Janeiro de 1944, comunicado com antecipação por «Cícero», os chefes nazis passaram a acreditar nos documentos enviados de Ankara, muito embora o ceticismo dos alemães só tenha sido enterrado quando do desembarque aliado na Normândia, a 6 de Junho de 1944. Os assuntos referentes à «Operação Overlord», nome de código do desembarque começaram a ser enviados por «Cícero» desde Março daquele ano mas, após a consumação do plano aliado, Berlim reconheceu que haviam estado nas mãos de «Cícero» todas as alternativas que o Reich nunca soube aproveitar. A guerra começava então a definir a sua recta final e «Cícero», imaginando-se rico, deixara de espionar.

VINTE MIL LIBRAS

«Foi talvez, considerado isoladamente, o episódio mais sensacional da guerra secreta — escreveu L. C. Moyzish, o adido da Embaixada alemã em Ankara que foi, por assim dizer, o «pai» de «Cícero». — Nunca, como neste caso, a espionagem forneceu elementos de informação tão completos para orientar a política e a estratégia de um grande país como a Alemanha. Ankara era então um lugar privilegiado para ter

uma ideia do conjunto da situação. A Turquia ocupava uma posição única, equidistante da Alemanha, da Rússia e das potências ocidentais. Servindo como adido a Embaixada alemã a capital turca, eu estava no centro das intrigas que a guerra incessantemente renova.»

Por dois rolos de película de 36 mm, um total de 52 fotografias, «Cícero» pedia 20 mil libras. Com esta pretensão se apresentou a Moyzish, numa noite de Outubro de 1944, identificando como o criado de quarto do embaixador da Grã Bretanha, em Ankara, o que de facto era verdade. O seu nome no entanto, nunca chegou ao conhecimento dos nazis. Aliás, foi essa uma das preocupações permanentes de Berlim, nos pedidos de informação dirigidos a Moyzish, o qual também muito pouco sabia da vida particular do espião, embora tenha sido a única pessoa que com ele contactou durante os 6 meses que trabalhou para os alemães.

Franz von Papen, então embaixador da Alemanha na Turquia e que desde o princípio tomou conhecimento do caso, foi o autor do pseudónimo «Cícero». E por «Cícero» morreu Elyesa Bazna. A sua oferta de documentos fotografados foi comunicada a Berlim, mas nem Moyzish, nem von Papen acreditavam que fosse aceite. Embora as 52 fotocópias dos 2 primeiros rolos — os que foram apresentados como prova do nível do trabalho — tenham revelado «valiosos segredos políticos e militares do inimigo», nada assegurava a veracidade destes, mesmo que todos os documentos tenham sido reconhecidos pelos peritos alemães como autênticos. Mas como excluir a hipótese de tudo isto não ser mais uma ratoeira armada pelos ingleses? Além disso, 20 mil libras pela primeira encomenda e 15 mil pelas seguintes, como propusera «Cícero», era um preço altíssimo. A pensar como Papen e Moyzish, a oferta do espião seria rejeitada pelos dirigentes de Berlim. Mas em menos de 3 dias chegou a autorização para que o assunto «fosse levado por diante».

CHOQUES EM BERLIM

Elyesa Bazna gozava da mais completa confiança do embaixador da Inglaterra na Turquia, «sir» Hugh Knatchbull Hugessen. Enquanto este dormia, «Cícero» retirava as chaves do cofre forte e fotografava calmamente os mais secretos documentos enviados de Londres ao representante da sua majestade. E, assim «Cícero» que dizia fazer isso simplesmente por «ódio aos ingleses», pois fora um deles o causador da morte de seu pai num acidente com uma espingarda — versão nunca confirmada —, trabalhou seis meses para os alemães, a partir do primeiro contacto com Moyzish, cujo comportamento durante esta aventura foi apenas o de um funcionário cumpridor do seu dever.

Todavia a sua lealdade, em virtude de alguns mal sucedidos episódios ligados ao caso Cícero, chegou inclusive a ser posta em dúvida e, por isso, só não pagou com a vida porque desobedeceu a uma ordem para seguir com urgência para Berlim. Com o rompimento das relações diplomáticas entre a Alemanha e a Turquia e o acordo desta com os aliados, Moyzish permaneceu até o final da guerra sob a responsabilidade dos turcos, sendo enviado depois para Viena, de onde era natural. Moyzish, que depois da guerra publicou um livro com o título de «O Caso Cícero», «best-seller» mundial, considera na sua narrativa que os dirigentes de Berlim perderam, por entre discussões

iniúteis e dsinteligências banais, todas as grandes oportunidades políticas e militares que tiveram com os documentos fotografados por «Cícero».

Os choques pessoais entre Kaltenbrunner, chefe dos serviços de espionagem, e Joachim von Ribentrop, ministro dos Negócios Estrangeiros, e o ódio deste para com von Papen, contribuíram muito para que o trabalho de «Cícero» fosse mantido sob uma constante auroreola de dúvidas. Mesmo após as provas dadas com o bombardeamento de Sófia e o envio das fotocópias das minutas das conferências dos «Três Grandes» em Moscovo, Cairo e Teerão, os dirigentes do Reich mostravam-se mais preocupados em descobrir os processos pelos quais trabalhava o espião do que em agir de acordo com os documentos que dele recebiam.

Tudo isso coincidia, no entanto, com o começo da derrota alemã em várias frentes. E enquanto Kaltenbrunner enviava pacotes e mais pacotes de libras falsas, «Cícero» enviava-lhe centenas de fotografias autênticas. «Talvez por serem falsas as libras, Kaltenbrunner pense o mesmo das informações» — deduzia Moyzish. Este, que por algumas vezes foi chamado à pressa a Berlim, para responder pessoalmente aos interrogatórios de Kaltenbrunner e Ribentrop, sobre a vida e actividades de «Cícero» — o que efectivamente era impossível, pois o espião nunca informou nem mesmo o seu verdadeiro nome — embora tenha tido desde o princípio uma opinião abaixo da simples crítica sobre o carácter de «Cícero», nunca levantou qualquer dúvida sobre a veracidade daqueles documentos que poderiam ter dado um outro caminho aos últimos meses da guerra.

Para «Cícero», o mais solitário dos espiões, o que interessava era o dinheiro. Mas das 460 mil libras que julgava possuir, 360 mil eram falsas. E quando tentou, após a guerra, iniciar-se nos negócios hoteleiros, verificou que a sua fortuna não passava de um monte de papel sem qualquer valor. Em várias diligências pessoais na Alemanha de Adenauer exigiu reparação, mas o Governo de Bona não desejava honrar a traição dos antigos segredos aliados e os esforços de «Cícero» foram vão.

Passou então a redigir as suas memórias e a sua aventura chegou a ser levado ao cinema, com o actor James Mason a viver o papel do espião. Mas as perguntas de Berlim sobre a vida e as actividades de «Cícero» nunca foram respondidas: «Como é que um simples criado de quarto podia roubar documentos daquela importância? Como se arranjava para os fotografar? era ele que os seleccionava, escolhendo os que valia a pena reproduzir? Nesse caso como fazia para nos entregar documentos da maior importância e outros que valiam muito menos? Fotografava-os dentro ou fora da Embaixada inglesa? Porque odiava os ingleses? Como ganhara a confiança do embaixador, o que era evidente? Para que exigia o pagamento em libras esterlinas, moeda pouco corrente na Turquia? E porque não em dólares?»

«No decurso desta aventura não se ouviram tiros, não se ministrou veneno, não se sacrificaram vidas humanas. Dir-se-ia que nos anais da espionagem se tratava de um caso inédito e sem paralelo. Os alemães sabiam dos segredos do inimigo mas, para este caso, ter sido extraordinário em tudo, nada prepararam e nada fizeram para beneficiar da oportunidade que o destino assim lhes oferecia» — escreveu Moyzish no seu livro «O Caso Cícero».



"CÍCERO"

SOLDADO DE PORTUGAL

*Aquém e além mar
Sulcando novos caminhos
Os «COMANDOS» vão lutar
Rastejando em mil trilhos
Ter a Pátria a defender
E por ela a vida dar*

*Por ela hão-de morrer
Rastejando sem parar
Ouve «COMANDO» que vais
Ter a Pátria a defender
Enquanto que 'outros morrem
Gera ideias de viver
Êxito, glória e paz*

*Os «COMANDOS» vão buscar
Sendo os heróis destemidos*

*Avançando sem parar
Unidos vão ao combate
Destemidos sem igual
Audazes que nesta guerra
Zelam pela paz na terra
Excelentes combatentes
São Soldados de PORTUGAL*

Carlos Biscaia
Sold. 393/66



com nova fórmula

VEJA
NO MANÔMETRO
DO ÓLEO
A GRANDE DIFERENÇA
DO NOVO
Mobiloil super

Com o prego a fundo durante 200 Kms. uma alhadela ao manómetro... Pedestal Com o novo MOBILLOIL SUPER acabaram-se as baixas de pressão. A sua viscosidade e o seu poder lubrificante mantêm-se adaptados a todos os esforços, mesmo prolongados. Tação e biqueira a 6.000 r.p.m. numa estrada de montanha. O óleo MOBILLOIL SUPER opõe ao desgaste a sua excepcional resistência. MOBILLOIL SUPER é o óleo dos esforços repetidos.

O novo MOBILLOIL SUPER é garantia de máxima protecção em todas as condições de condução. Com o seu aditivo especial aumentador do índice de viscosidade (VI Improver), é produzido para as condições particulares de condução em Angola, dando ao seu automóvel, a máxima protecção. MOBILLOIL SUPER excede todas as recomendações dos fabricantes de automóveis. Use MOBILLOIL SUPER na próxima vez e veja pelo manómetro a sua diferença.



**Mobiloil
super**
com nova fórmula

o seu carro precisa

CUANHAMA

A AMPLITUDE PAISAGÍSTICA DA SAVANA ALÉM-CUNENE

De nome tipicamente gentílico, KwA-NYAMA, esta grandiosa savana situa-se na margem esquerda do imponente Cunene com capital recentemente atribuída em Perira d'Eça, sudoeste de Angola, cenário das campanhas guerreiras de 1015-1918.

A cidade em si, com um número já acentuado de casas comerciais é ponto de passagem de turistas ou não, oriundos dos países limítrofes, o que lhe confere, por isso mesmo, aspecto cosmopolita em pequena escala. Toda a actividade comercial circunscreve-se ao âmbito permutário, englobando a agro-pecuária, sendo esta última a relevante, e culturas de: massango, massambala, milho, feijão, etc.. Estes são efectivamente os produtos de que as populações nativas se servem, não só para a comercialização, como para a sua própria alimentação fonte inesgotável e incomensurável da subsistência humana.

Dadas as condições geográfico-climáticas, aquela imensa região é bastante desfavorecida: são reduzidas as densidades pluviométricas. Épocas há em que a total ausência é sobremodo catastrófica, com incidências inegáveis na agro-pecuária, e as consequências bem nefastas nas populações autóctones, dada a irregularidade da preciosa dádiva natural, que são as quedas pluviais, pois os benefícios delas usufruídos, constituem, indubitavelmente, a euforia geral, como é fácil de prever.

Antevendo aquelas periodicidades irregulares, os Serviços de Geologia e Minas construíram enormes tanques de aterro (marginando a rodovia principal) para o máximo aproveitamento das quedas pluviais, quando estas se verificam.

O nome gentílico atribuído, naquelas paragens, a esses tanques de aterro é bastante invulgar. São denominados «chimpacas», cujo significado lexicográfico-etimológico não se precisa.

As suas utilizações vão desde as incomensuráveis quantidades de bovinos aquando das suas necessidades fisiológicas ao saciarem-se das sequiosas pastagens, bem como outras espécies faunísticas — riqueza cinegética inegável.

As «chimpacas» são utilizadas por incomensurável número de bovinos e outras espécies faunísticas para se dessedentarem, conspurcando com os dejectos as águas de que as populações autóctones, fazem um total aproveitamento não só para beber e cozinhar como ainda para a própria higienização corporal (lavagens parciais ou totais) com absoluto alheamento de todos os preceitos biológicos regulamentares, que os entendidos preconizam, tendo como é óbvio, às técnicas ultramarinas de desmicrobrialização nociva ao ser humano. — O facto desse alheamento, inocência ou desconhecimento, não deixa, todavia, de impressionar quem desses nativos «cuanhamas» se abarcar tanto de homens como das esculturais mulheres, eles com uma simétrica complexão física, estatura guerreira, altivos, soberbos, inteligência comprovada, e elas (as mulheres) com aquela semi-nudez que lhes é peculiar e característica, no bronzeado do seu esbelto corpo, cujos adornos ou coqueteria poderão rivalizar com os mais complicados ornamentos femininos de outras terras. Dotadas de apreciável sensibilidade, manifestada através do seu prototipo de comportamento oriental, apesar do seu presumível facies primitivo, nomeadamente nas áreas delimitadas (chamadas de Eumbós) circunscritas na região distrital, etnonímicas e etno-linguísticas bastante dignificam os já conceituados atributos das mulheres do Sul de Angola.

Os povos cuanhamas estão integrados no grande grupo linguístico AMBÓ, assim como os sub-grupos: VALE CAFIMA, CUMATO, DOMBONDOLA, e CUANGAR. O grupo «Ambó», ocupa vasta zona territorial, situando-se ao longo e ao meio da fronteira Sul de Angola, sendo seus vizinhos (dos cuanhamas) os cuamatos, povos já tradicionalmente inimigos.

O «modus vivendi» dos cuanhamas é essencialmente a emigração, não só para localidades do contexto sócio-económico de Angola, como ainda para os países circunvizinhos: sendo estes últimos, escolhidos preferencialmente, não só no aspecto permutário de maior rentabilidade monetária, como ainda (para aqueles que se empregam) poderem auferir melhor honorário. Mas um factor absolutamente inegável, é que os cuanhamas na sua formação temperamental, são essencialmente nómadas. Daí as suas constantes mutações, ora para um lado ora para outro, na

ansia de prosperidades, e a satisfação da presumível instabilidade psicológica.

Possuem uma organização familiar digna de salientar-se, espécie de associação de trabalho nas suas quintas, gentilmente denominadas de BUMBOS, (pequenos ou grandes cercados de estacas aguçadas) para salvaguardarem seus interesses materiais, bem como a protecção contra possíveis intromissões ou ataques de feras.

São hábeis artifices, outrora excelentes siderúrgicos, e ainda nos tempos hodiernos se pode admirar com que destreza eles fabricam as lanças de arremeço (AZAGIAIAS), das quais se munem para caçadas individuais ou colectivas, para a sua alimentação quotidiana, muito embora a região não se possa considerar, sob o ponto de vista faunístico, manancial inesgotável e diversificado.

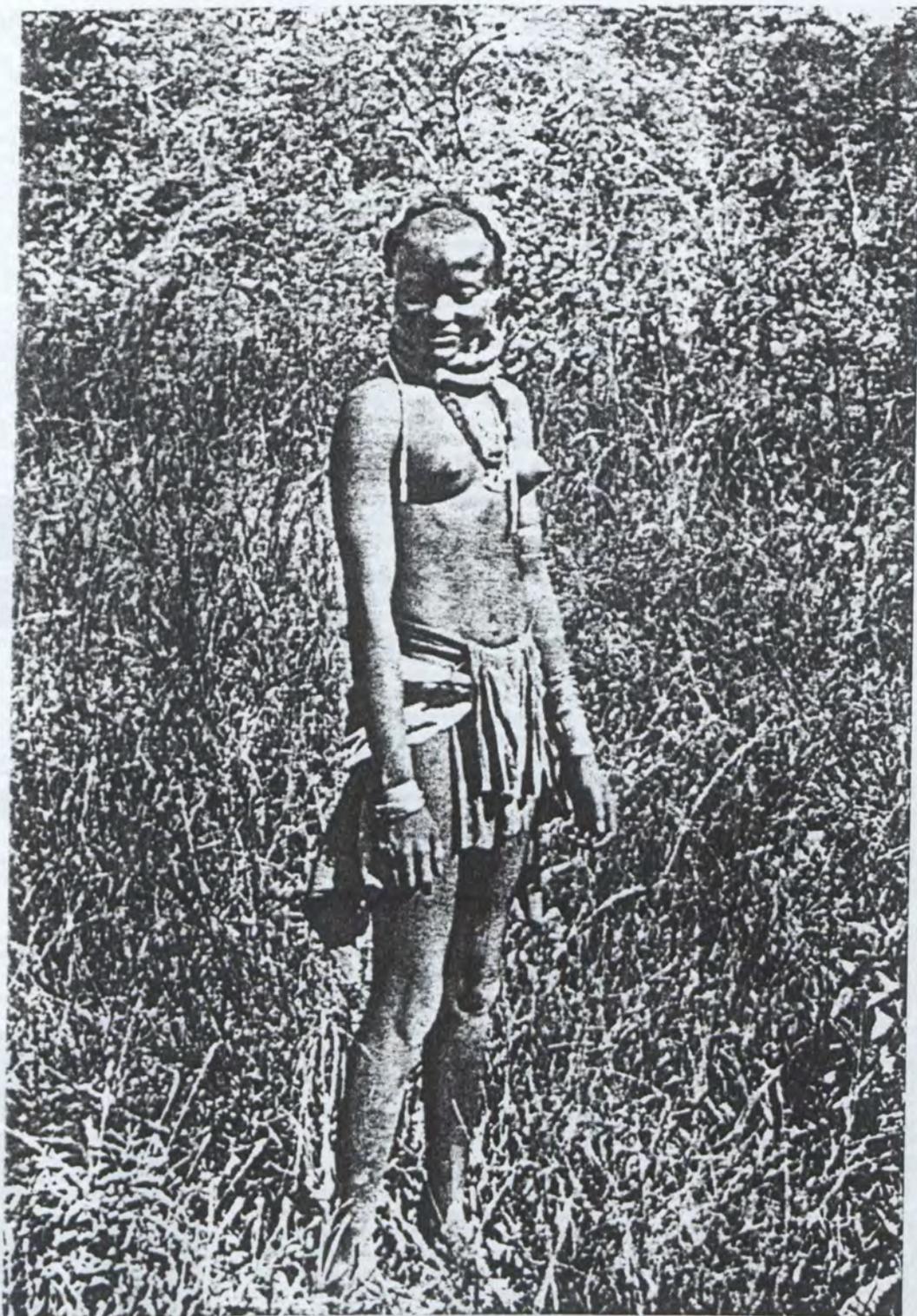
O «cuanhama» é caracterizado pela sua excelente bravura na luta (complexão guerreira), já pelo seu espírito de altivez e jactância. Sob o ponto de vista cultural, é-lhes conferido esse atributo, pois revelam inata vocação de poetas, podendo-se comportar em algumas centenas os versos ou poemas, dedicados aos bois: daí o já aludido prototipo de comportamento oriental, atributo incontroverso. A lhanza, a urbanidade da mulher cuanhamas no seu trato pessoal, jamais passará despercebida.

As festas mais imponentes que em toda aquela região se celebram, anualmente, são as festas da puberdade das raparigas, (passagem do período juvenil para a puberdade) que, na região, se denominam (EFUNDULA). A policromia indumentária e ambiental, é bem digna de salientar-se. Dezenas, se não centenas de raparigas ao som do ensurdecedor rufar dos tambores, entregam-se aos mais bambaleantes compassos rítmicos, numa autêntica sensualidade provocante, que fazem inebriar, estontear e electrizar os mais sisudos, apáticos ou indiferentes espectadores destas infernais danças tipicamente africanas, que já deram azo a inúmeros comentários (escritos, filmados e radiodifundidos) no âmbito nacional e internacional, pois muito recentemente ali se deslocou uma etno-socióloga da nacionalidade brasileira, devidamente orientada por entidades administrativas, fazendo estudos pormenorizados coadunados com a sua formação profissional, ficando a referida investigadora tão encantada, como perplexa com a imponência da festa da EFUNDULA, como ao âmbito individual etno-sociológico, que possivelmente se consagrou a alguma obra de vulto, com reiterados desejos de retornar àquelas involáveis e aprazíveis paragens.

Môngua, pequena povoação situada a 60 Kms da capital do distrito, já foi teatro de guerra, aquando das campanhas ao Sul de Angola em 1914-1918. Ainda hoje se pode observar, num pequeno e tosco museu, todo o arsenal (ou parcial) bélico, utilizado aquando dessas tremendas campanhas; o referido museu, poderá ser facultado por administrador de posto, local, que gentilmente acede a qualquer solicitação.

Perira d'Eça, nova capital de distrito, além do seu razoável número de casas comerciais, possui um estabelecimento hospitalar, com médico privativo, diversas repartições estatais. Escola de Artes e Ofícios (dignamente dirigida pelo seu Director, senhor Valdemiro Lourenço Lobo e sua esposa, também professora, incansáveis professores a quem se devem melhoramentos inestimáveis. Há duas povoações limítrofes, que são: Namacunde e Tchicango (Vila Santa Clara) esta última fazendo fronteira com o sudoeste africano. Entre Perira d'Eça e Namacunde, subsiste a missão católica denominada de OMUPANDA, distante de Perira d'Eça escassos 8 Kms em acesso totalmente asfaltado; note-se que todo o acesso desde a capital de distrito até à fronteira está asfaltado, muito recentemente, bem como todo o percurso até SÁ DA BANDEIRA.

A imponência duma vasta zona savânica não se pode circunscrever somente a assuntos pecuários como se diz-se usualmente. Há uma diversidade tal de factores primários ou secundários, em múltiplos contextos já oportunamente enunciados que é de absoluta necessidade prospeccionar e, concomitantemente, divulgar: real mola impulsora para um portentoso incremento ulterior do que é o vasto e atraente CUANHAMA...



Jovem mulher Cuanhama

O ESCANDALOSO PROC

Não há pessoa, mesmo superficialmente culta, que não tenha ouvido falar nos Templários. Há mais de 600 anos que este nome resoa aos ouvidos da Europa. E o seu eco ainda não se desvaneceu, insistindo em recordar a maior ordem monástica de cavaleiros guerreiros, que deslumbraram o mundo com as suas façanhas incomparáveis. Contudo, esta espantosa Ordem do Templário, com ramificações por todo o continente europeu, possuidora de riquezas estonteantes, temida de infiéis e admirada e venerada por cristãos, viu-se tragicamente aniquilada em consequência de uma cabala diabolicamente concebida e executada, em princípios do século XIV.

Para compreendermos como teria sido possível destruir tão poderosa instituição monástica e guerreira, precisamos de penetrar um pouco no mundo medieval e conhecer a posição do cavaleiro na sociedade desse tempo. Era geralmente uma pessoa nobre, que só podia usar este título depois de submeter-se a uma cerimónia em que o «armavam cavaleiro». Podia não ser rico (chegava por vezes a não dispor de recursos para sustentar o cavalo), mas desfrutava de deferências e honras que lhe conferiam uma certa predominância social. Descendia daqueles bárbaros ginetes do Setentrão europeu que esfacelaram o Império Romano e o retalharam em feudos mais ou menos vastos, dentro dos quais mandavam como senhores absolutos. Cruéis, desumanos, tirânicos, não respeitaram durante muito tempo outra lei senão a sua própria lei, avessa a quaisquer considerações de generosidade, de tolerância, de amor ao próximo. Só atendiam aos seus interesses de déspotas ou ao engrandecimento do seu clã formado pelos homens que os acompanhavam na guerra e na pilhagem ou que os ajudava a manter os povos submissos ao seu jugo. Valentes até à loucura, faziam ostentação de coragem. Todo o seu prestígio, toda a sua autoridade provinham da força bruta.

Mas a Igreja, com toda a sua subtilidade, conseguiu, pouco a pouco, ir convertendo os grandes senhores bárbaros. Não podendo anular a nobreza feudal e a sua índole feroz, que estivera na fase da sua vitória sobre o velho império decadente, tratou de encaminhar toda aquela estuante energia num sentido mais humano, mais elevado. Por sua influência, começaram a achar degradante perseguir ou destruir seres mais fracos, só porque não tinham meios de defender-se. E assim foi surgindo o cavaleiro perfeito, digno de todas as honras, que procurava vencer nas suas pugnas não o mais fraco mas o que se presumisse ser o mais forte e a considerar-se não o tirano mas o protector dos povos dominados que lhe pagavam tributo em fazenda e trabalho. Teoricamente, a sua função era a de defensor militar dos territórios que governava como senhor paternal e justiceiro. Claro que, na prática, o regime de opressão continuava a ser o mesmo, aqui e além ligeiramente atenuado pela boa índole de alguns nobres; contudo o principado Direito em que se firmava mudara radicalmente, o que viria a ter im-

portância social num futuro ainda muito longínquo.

Não há dúvida de que a conversão ao cristianismo inculcava nos cavaleiros medievais um formoso ideal: continuando a ser combativos por temperamento e tradição, passaram a pôr a sua força e a sua valentia ao serviço de coisas justas e causas sagradas. A Humanidade deve à Igreja Cristã esse grande benefício. E então um cavaleiro já não era apenas um nobre irascível, temido ou respeitado por pertencer à classe militar dentro da sociedade feudal. Era já um ser de eleição, merecedor de homenagens e privilégios que alcançava mercê da valentia e destreza nos combates e que se propunha, cometendo proezas extraordinárias, cobrir-se de glória, na mira do prémio supremo que lhe seria concedido, depois de morto, na outra vida que lhe estaria reservada no reino dos céus. Morrer em desafrenta da sua fé ou em defesa de causas justas era, pois, amais alta aspiração do nobre cavaleiro.

Como vassalo, tinha de manter-se leal ao seu senhor e dar por ele a vida, se preciso fosse. Como homem honrado, defendia até morrer a honra de uma dona ou de uma donzela; como enamorado, corria alegremente para o tumulto sangrento das batalhas, ambicionando em recompensa um simples sorriso de simpatia da jovem amada. Por uma singela flor que ela lhe oferecesse, não se importaria de deixar-se matar, pronunciando o seu adorado nome, ao exalar o último suspiro. O heroísmo e o amor constituíam os elementos predominantes no ideal de cavalaria. Houve mesmo uma época em que, para se engrandecerem aos olhos das suas prometidas, cavaleiros solitários, ou apenas seguidos de reduzida escolta, ou até de um só escudeiro fiel, percorriam terras em busca de aventuras em que pudessem estadejar toda a sua destreza de campeões em torneios ou em batalhas, salvar pessoas honestas das garras dos salteadores que então enxameavam os caminhos. Outros, para obterem a mão de alguma nobre beldade, ofereciam, ofereciam como seu dote a fama das suas façanhas ou aos pais dela os seus serviços como guerreiros.

A DEGENERESCÊNCIA DO CAVALEIRO MEDIEVAL

Atingindo o seu mais intenso fulgor no Sul da França, na Itália, na Alemanha, na Península Ibérica e na própria Grã-Bretanha, os feitos de alguns cavaleiros medievais nunca mais esqueceram, ficaram gravados na História e na lenda, como os Rolandos e os Olivérios nos tempos de Carlos Magno, que depois tantos jovens quiseram imitar. Alguns deram origem a romances místicos e lendários. As aventuras de Galaaz, em demanda do Graal, vaso sagrado em que se teria recolhido o sangue de Jesus, exerceram poderosa influência no ânimo de moços ansiosos por atingir a perfeição cavaleiresca, como sucedeu com Nun'Álvares. E a verdade é que as virtudes ideais de cavalaria enriqueceram por tal forma os sentimentos humanos que ainda hoje, tan-

tos anos volvidos sobre o desaparecimento desta instituição, muitos dos seus mais nobres preceitos permanecem como virtudes ideais da moral do nosso tempo: a defesa da mulher e da criança, com risco da própria vida, o respeito pelas pessoas mais idosas, pelos pais e pelos mestres; o combate pelas causas justas. Simplesmente, as virtudes que eram então apanágio dos nobres cavaleiros são hoje as que atribuímos a muitas pessoas que nunca andaram sequer a cavalo. São as que distinguem os «cavalheiros» — palavra esta que denuncia a sua origem na cavalaria medieval.

Diz certo historiador: «O valor militar, o amor, a generosidade, levados até o extremo, tornaram a cavalaria uma instituição romanesca, quase maravilhosa, de onde proveio aos séculos medievos a poesia original, entre o heróico, o trágico, o diliano e o cómico, que constituiu a literatura românica, na verdadeira pureza e sublimidade».



SSO DOS TEMPLARIOS

O pior, neste mundo, é que os homens degeneraram e com eles os seus ideais mais generosos, os quais passam muitas vezes a acobertar actos que os desmentem ou corrompem. Se bem que nem todos os cavaleiros fossem os modelos de virtude que hoje poderíamos imaginar, não há dúvida de que por largo tempo muitos houve suficientemente honestos e heróicos para emprestarem à cavalaria merecido prestígio. Mas, como o decorrer dos anos, que tudo desgasta, os bons foram-se tornando cada vez mais raros. E não tardou que os famosos cavaleiros, abusando da sua força bélica, se fossem transformando, primeiro, numa mescla de heróis e bandidos, depois, em alguma coisa em que o banditismo já mal podia distinguir-se sob a máscara de heroísmo.

Sempre valentes, frequentemente temerários, já não lutavam generosa e abnegadamente por causas justas; tornavam-se facilmente perjuros, traindo o senhor que juraram servir, e passavam a usar da sua coragem para assaltar e pilhar solares, raptar donzelas, interceptar recuas de bufarinheiros, para lhes furtar a fazenda, e até organizar quadrilhas de homens «fora da lei», que viviam do roubo ou da cobrança de tributos forçados sobre populações indefesas. Exemplo de cavaleiro desta espécie encontramos-lo em aGraldo Geraldes, o *Sem Pavor*, que veio a redimir-se habilmente mais tarde, ao conquistar Évora aos mouros, aliás, traindo-os, também.

A nobre cavalaria medieval ameaçava dissolver-se, afundar-se num pântano de desmoralização absolutamente oposto aos altos ideais que a tinham criado. É que nada mais perigoso para a sociedade do que a corrupção de uma classe superior. E o cavaleiro, nesse período da Idade Média, era o elemento mais prestigioso da nobreza e esta ainda se podia considerar, ao lado do clero, o elemento mais influente da organização político-social do feudalismo, regime generalizado em toda a Europa, depois da vitória dos bárbaros sobre o velho Império Romano.

O cavaleiro *sans peur et sans rancune*, intrépido e generoso; o cavaleiro solitário, cuja riqueza por vezes não ia além do seu cavalo, das suas armas e da sua honra, que tesouro algum no mundo lograria comprar; o cavaleiro andante, que percorria terras em busca de aventuras transcendentais e do qual Cervantes traçou uma caricatura tão humana e tão profunda no seu incomparável *D. Quixote*; esse cavaleiro incorruptível abandonou-se transformando-se em agente de desmoralização. E, em vez de exemplo edificante, ação e desordem. Não só a sua ação pseudo-heróica se confundia em muitos casos com autêntico banditismo como também estava sempre pronto a colaborar nas pugnas entre senhores rivais dessa época, alinhando neste ou naquele partido, consoante a esportula mais vantajosa ou a promessa de mercês que o chefe lhe outorgaria depois do apetecido triunfo. Nas questões dinásticas, esses cavaleiros, com seus homens de armas mais ou menos numerosos, constituíam sempre os elementos mais irrequietos, cruéis e intratáveis. Assim, os homens

mais destacados da classe nobre, esses homens arrogantes e audazes, passaram a desmoralizar a própria nobreza desse tempo, que já por indole não era das mais sossegadas, e a arrastar na esteira da sua corrupção os elementos mais jovens e válidos da classe popular, que os acompanhavam nessas guerras internas e que os tomavam por modelo a seguir. E a realeza, que firmava a sua autoridade e o seu poderio nos seus vassallos nobres, dificilmente se fazia obedecer por elementos tão indisciplinados e sentia-se tolhida na sua acção governativa; por seu lado, o clero perdia o ascendente a que aspirava e cuja meta suprema era a teocracia.

O mais grave era que sobre toda esta confusa desordem europeia pairava um grande perigo: a invasão total do continente pelo Império Muçulmano.

COMO SURGIRAM AS ORDENS MILITARES MONÁSTICAS

A situação da Europa cristã começava a tornar-se aflitiva. Partindo do Oriente, já as ondas árabes tinham dominado a Hungria e, vindas do Norte de África, haviam conquistado toda a Península Ibérica, galgado os Pirenéus e subjulgado o Sul da França, onde ainda se encontram bastantes vestígios da sua temporária permanência. Estabeleciavam-se, radicavam-se, reduzindo à servidão os povos europeus por meio de um sistema feudal, à semelhança do que tinham feito anteriormente os bárbaros, ao desmantelarem o Império Romano. Agora, a desmoralização docava leiro e o enfranquecimento da classe nobre de que ele era o mais alto expoente abriam ao inimigo árabe uma brecha por onde este podia entrar no que restava de uma Europa cristianizada. Com muita dificuldade, ao sul e a leste, os Exércitos europeus continham a onda avasaladora dos orientais. As contendas internas dos cristãos, ocupando os guerreiros válidos em questões caseiras, debilitavam as frentes onde o adversário aproveitava todos os ensejos para se apoderar de mais um pedaço de território. Contudo, graças a desesperados esforços evencendo os maiores obstáculos, fora possível empurrar os maometanos para o Sul dos Pirenéus. Mas ainda na Península os cristãos se batiam, dia a dia, contra o invasor, reconquistando, palmo a palmo, numa lentidão de séculos, o terreno onde os povos do Levante, dominando os naturais, se tinham enraizado como em terar sua.

Contudo, a despeito de ter retrocedido algumacoisa, a ameaça muçulmana permanecia constante, quer no Oriente quer no Sul da Europa. Um período de fraqueza europeia poderia ser fatal para as populações cristãs. E esse período surgiu, alarmante, com a desmoralização do cavaleiro, que era o elemento mais valioso da classe militar, a nobreza, sem a qual não haveria possibilidade de sustentar uma guerra.

A situação assumira um aspecto verdadeiramente angustioso. Como a própria Igreja sentia ameaçada, com a sua sede em Roma, cidade santa, foram dos papas

os primeiros brados de alerta. E viu-se então o clero, por toda a Europa, nos púlpitos e na praça pública, a fazer um dramático apelo aos cristãos, para que lutassem pela sua sobrevivência e revidassem ao inimigo da Cruz todos os golpes que ele já tinha vibrado na cristandade. E a Santa Sé dirigiu-se a todos os príncipes europeus, incitando-os a organizar uma cruzada santa ao Oriente, a fim de arremessar denovo os infiéis para os territórios de onde eram oriundos a libertar em Jerusalém o túmulo de Jesus conspurcado pelos inimigos da Fé. Recordou-se aos nobres cavaleiros, tão valentes, tão destros e tão devotados às causas sagradas, que deviam ser os primeiros a partir e a lutar contra os temíveis cavaleiros inimigos. E criou-se na Europa uma atmosfera de delírio heróico.

Ocuparia volumes a descrição minuciosa do que foram essas cruzadas medievais, esse movimento de alucinação colectiva, em que o heróico e o religioso dando-se as mãos, arremessaram contra o Oriente autênticas multidões desvairadas, dispostas a matar e a morrer em defesa da sua fé. Chegaram a partir crianças em horíveis condições de desamparo e desorganização. Monarcas, como São Luís, Rei de França, e Ricardo Coração de Leão, que ficaram na história e na lenda, puseram os seus Exércitos ao serviço da religião de Cristo. E os cavaleiros nobres, querendo redimir-se dos seus bastos pecados, partiram galhardamente para a grande aventura, a maior a que poderia aspirar um verdadeiro paladino. iam combater em honra da sua dama e da sua crença, e também, diga-se de passagem, com mira nos ricos despojos que tencionavam colher nas batalhas, ans quais constava que os cavaleiros árabes costumavam apresentar-se cobertos de jóias e ouro e pedras preciosas.

Mas bem cedo se começou a notar, que o nobre cavaleiro cristão, apesar da sua destreza pessoal no manejo das armas, não levava a melhor naquelas pelejas. Ele era essencialmente um lutador solitário, a personificação do nobre individualista que quer ser o único senhor em todas as coisas. Os cavaleiros cristãos não constituíam esquadrões; eram uma turba de indivíduos independentes, cada um alheio ao que podia suceder aos outros cavaleiros da mesma fé; batiam-se pela sua glória pessoal. Em rigor, os esquadrões não existiam como corpo de um exercito, visto que cada um dos seus elementos empreendia um duelo individual com outro cavaleiro adverso para o vencer ou ser vencido. A esta ausência de táctica militar opunham os chefes muçulmanos, muito mais evoluídos, manobras de conjunto, atacando em multidão, cercando e massacrando o altivo cavaleiro europeu, queraramente tinha oportunidade de afzer gala da sua pericia individual. oMirra, orgulhosa, heróica e isoladamente, sem grande proveito para a manobra comum do Exército a que pertencia.

Pelo preço de sangrentos desaires, reconheceu-se quão ineficaz era a táctica europeia. Resolveram então vários agrupamentos de cavaleiros cristãos criar ordens guerreiras, sob uma disciplina reli-

O ESCANDALOSO PROJETO

giosa, com um comando e uma regra severos, que lhes imprimiram, simultaneamente unidade militar e consciência colectiva. Entre outras, fundaram-se, na Palestina, a dos Hospitaleiros de São João de Jerusalém, ou do Hospital, tão conhecida entre portugueses; a dos Cavaleiros do Santo Sepulcro, a de São Lázaro e a Ordem de Jesus Cristo e Cavalaria do Templo de Jerusalém, vulgarmente conhecida pela Ordem dos Templários, ou apenas pelos Templários.

Essas ordens eram corpos de Exército constituídos por um verdadeiro escol de guerreiros abnegados e idealistas. E nem todos os cavaleiros conseguiam ser admitidos. Escolhiam-se escrupulosamente. Mas de todas as ordens — diz-nos Bernardino Ribeiro — «a do Templo, cujos filiados eram nobres, é a que mais alto elevava o heroísmo, a magnificência e a preponderância social e política; personalizava, por assim dizer, o vasto monaquismo militar, todas as virtudes, toda a glória e toda a mítica e heróica poesia da cavalaria religiosa das cruzadas, derradeira manifestação brilhante do feudalismo, nos longos e obscuros séculos da Idade Média».

Do prestígio anteriormente desfrutado pelos cavaleiros andantes e alcançado por suas façanhas individuais passaram a usufruir as ordens militares monásticas. Contavam-se proezas extraordinárias desses guerreiros monges, todos eles igualmente corajosos, habilíssimos no manejo das armas, que preferiam morrer a voltar as costas ao inimigo. Os papas, os monarcas e os prelados não se cansavam de os cumular de louvores e de privilégios, concedidos colectivamente à instituição monástica, e não individualmente a qualquer cavaleiro do Templo. A sua regra religiosa extremamente severa e o seu comportamento militar não tinham rival entre os Exércitos cristãos.

Eis o que nos revela Alexandre Herkulano a seu respeito:

«Os esquadrões do Templo, ao formarem-se para a batalha, guardavam profundo silêncio, que só era cortado pelo cicciar do balsão bicolor (negro e branco) que os guiava, despregado ao vento, e dos longos e alvos mantos dos cavaleiros, que se agitavam. A voz do mestre, uma trombeta dava o sinal do combate e os freires, erguendo os olhos ao céu, entoavam o hino de David: *Não a nós, Senhor, não a nós, mas dá glória ao teu nome!* Então, abaixando as lanças e esportando os ginetes, arrojavam-se ao inimigo, como a tempestade, envoltos em turbilhões de pó. Primeiros no ferir, eram os últimos a retirar-se, quando assim lho ordenavam. Desprezando os combates singulares, preferiam acometer em colunas cerradas, e para eles não havia recuar: ou as dispersavam ou morriam. A morte era, de feito, mais bela para o Templário, que a vida comprada com a covardia. Bastava que não atingisse ao tipo de valor humano, como os velhos guerreiros da Ordem o concebiam, para ser punido por fraco. A cruz vermelha, distintivo da corporação, com o manto branco sobre que estava bordada, tira-

va-se-lhe ignominiosamente, e ele ficava separado dos seus irmãos, como um empestado. Obrigavam-no a comer sobre o chão nu; não lhe era lícito o desforço das injúrias e nem sequer castigar um cão que o maltratasse. Só depois de um ano, se o capítulo julgava a culpa espiada, o desgraçado cingia denovo o cingulo militar, para ir, talvez, na primeira batalha

e atenuar o perigo, porque entre os próprios muçulmanos lavravam dissensões muito semelhantes às que se verificavam entre os Estados da cristandade.

Assim, em 1291, caiu São João de Acre em poder do inimigo. Era o último redomínio europeu na Palestina. Com a sua queda, perderam-se também as derradeiras esperanças de os ocidentais restaurarem



aflorar no próprio sangue a memória de um ano de afrontas e de suplicio».

Pois, nem com tanta gente desta tempera lograram os cristãos levar inteiramente devencida as hordas muçulmanas. Após a criação de um efêmero reino cristão na Palestina, forças árabes, recompondo-se tornaram impossível a permanência europeus, que apenas conseguiram retardar o avanço dos orientais

Reino Latino de Jerusalém. Terminada deste triste modo a sua missão no Levante, as ordens militares monásticas retiraram-se para o Ocidente. Entre elas, regressou a Ordem do Templo, carregada de riquezas fabulosas, que fora acumulando durante aqueles anos de luta. Mas os altivos templários não podiam adivinhar que todas as suas riquezas iriam dar origem à sua trágica perdição.

ESSO DOS TEMPLÁRIOS

OS TEMPLÁRIOS NO APOGEU DO SEU PODER

Nuncasará de mais insistir neste lugar comum: o poder corrompe. O poder da riqueza, o poder da força bélica e até o poder gerado no prestígio social encerram autênticas tentações às quais só pesosas bem couraçadas devirtudes logram resistir. A História está repleta de homens bem-intencionados, que circunstâncias favoráveis colocaram nas alturas supremas do poder político ou militar e que, não resistindo à diabólica tentação do abuso, se esqueceram de todos os preceitos de justiça e de fraternidade e, julgando-se semideuses ou seres de eleição a quem o resto da humanidade teria por dever servir humildemente, acabaram por cometer ou sancionar todos os crimes que lhes pareceram robustecer a sua posição cimeira. Quase todos findaram os seus dias no exílio, na prisão ou na morte prematura. Ao evocarmos o cavaleiro medieval, já tivemos ensejo de observar como o excessos de prestígio apoiado numa força bélica de excepção, depois de o elevar às culminâncias do Poder, acabou por precipitá-lo na cilada que o exercício do mesmo Poder costuma armar aos poderosos: a imoderação, o desmedido orgulho, o desprezo pelos direitos alheios, que o conduziram ao banditismo infrene.

Pois, tal como corrompe os homens, o Poder também corrompe as instituições, por mais fortes e veneráveis que tenham sido; ou elas não fossem constituídas por homens, reflectindo todas as suas virtudes e todos os seus defeitos. É certo que o forçado abandono da Palestina por parte dos cristãos não empanou o brilho alcançado anteriormente pelas suas faanhas, que tinham enchido de asombro toda a Europa. As ordens militares desfrutando da atmosfera de heroísmo queem sua volta se criara, regressaram aos países ocidentais onde possuíam inúmeras casas religiosas, que lhes tinham outorgado os monarcas, em sinal de reconhecimento pelos seus altos serviços prestados à cristandade. Quase todas essas instituições se haviam engrandecido extraordinariamente, não apenas em feudos nos vários reinos europeus mas também em tesouros constituídos por metais e pedras preciosos, resultantes das pilhagens que, segundo a lei de guerra desse tempo se considerava perfeitamente lícito ao vencedor realizar após a vitória nas batalhas.

As ordens militares monásticas tinham acumulado riquezas; mas, de todas elas, a que regresou mais rica foi a dos Templários. Apesar do apertado espartilho religioso que a regra monacal lhe vestiu, obrigando-o a uma humildade bem paciente e ao desprezo ostensivo pelos bens deste mundo, o cavaleiro medieval nunca perdeu a sua altivez aristocrática e como que passou a considerar a sua condição defreire uma espécie de superno-breza. A fama dos seus feitos militares, as riquezas de que monarcas e pontífices lhes haviam concedido criaram àquelas ordens uma força política tão considerável detnor de diversos Estados da cristandade que estes começaram a temê-las.

Ainda os Templários se encontravam no Levante, já revelavam quanta força política granjearam à sombra do poder militar, quando resolveram destronar pura e simplesmente Henrique II. eRi de Jerusalém, e o mesmo fazendo ao de Chipre. E até a Henrique III de Inglaterra se atreveram a ameaçar directamente, declarando-lhe em pleno rosto: «Reinareis enquanto fordes justo». Mostravam que tinham força para intervir na política interna das nações e dar ordens aos próprios reis.

Igualmente se esqueceram os Templários de que a ostentação de avultados

ceus, em realidade e larga escala, o comércio bancário. A sua vocação para o manejo de dinheiros até levava o Vaticano a confiar-lhe a administração dos bens das cruzadas. E não se limitava a guardar os haveres de quem lhes confiava, o que seria acto meritório, também emprestava dinheiro a quem lho pedia mediante garantias e cobrando juro, o que já era agiotagem. Ora, a moral da época condenava a cobrança de juros de empréstimo. A igreja não tolerava tal negócio; a nobreza experimentava uma simpática repugnância por esses negociações. Os Templários, porém, tinham carta branca para exercer o comércio do dinheiro, em plena liberdade. E chegaram a empréstá-lo a ris príncips.

A perigosa importância da Ordem do Templo, sobretudo nos países em que os freires se encontravam ociosos, passando a vida a exhibir a sua riqueza, deu origem a surdos protestos não só entre as populações pobres, muitas delas em regime de servidão nos territórios governados pelos seus conventos, mas também entre outras classes que os guerreiros monges não hesitavam em ofender com a sua soberbanaria. Mesmo a classe nobre e os monarcas não os viam com bons olhos. E vieram agravar a subterrânea má vontade dos povos, transformando-a em repugnância e ódio, os boatos que começaram a circular acerca de certas práticas sodomistas que aqueles homens aparentemente viris e austeros teriam trazido do seu contacto com gentes orientais. E a par dessa aberrações, transpirava, também, que esses estrênuos defensores da Fé a desmentiam secretamente, realizando cerimônias sacrílegas em que Jesus era vilipendiado?

Mas, a propósito dos supostos sacrilégios, explica-nos o Pnheiro Chagas: «...de todas as acusações que se podiam fazer aos templários, a que mais excitou os povos contra eles foi a mais absurda. Segundo o simbolismo tão caro à Idade Média, a iniciação de um cavaleiro do Templo era rodeada de misteriosas fórmulas; segundo o costume de todas as iniciações religiosas, o adepto era apresentado como um renegado, um ímoio a quem a iniciação regenerava; em cumprimento do seu papel, o neófito cuspiu na cruz. A vaga notícia desta cerimónia, confirmada pelas indiscrições de alguns templários, e depois pelos depoimentos daqueles a quem as torturas arrancavam a confissão do que se fazia, e também do que se não fazia, no seio da ordem, alienou de todos os templários o espírito do povo. O século XIV já não compreendia o simbolismo de que o poema de Dante fora a última e sublime expressão».

Pois, apesar de se contarem tantos horrores a seu respeito, Filipe IV, Rei da França, queo povo, desprezando o seu cognome de *Belo*, alcunhara mais justamente de *Moedeiro-falso*, manifestou vontade de defiliar-se na famigerada Ordem. Sofreu, porém, o desaire de lhe recusarem a admissão.

Com esta recusa não sabiam os Templários que tremendo perigo acabavam de desafiar.

Filipe IV ifcava a remoer a afronta.



bens representa uma afronta para quem nada possui e um desafio aos que desejariam ter tanto ou mais do que eles. Suauindutária continuava modesta mas as suas montagens — soberbos e caríssimos cavalos árabes — e as suas armas, todas cravejadas de pedrarias raras, deslumbravam quem os via pasar, altivos, cada freire sempre acompanhado de numeroso séquito em que figuravam pajens, servos de armas, escudeiros e escravos. Um templário comportava-se como um grande fidalgo ou um pequeno rei. E a arria miúda e mesmo nobre senhores reverenciavam-nos humildemente, muito embora, nas suas costas, murmurassem, ecom razão, contra tanto exibicionismo e soberbia.

As casas religiosas da Ordem do Templo contavam-se por milhares em toda a Europa. Representavam uma força internacional. Eram simultaneamente conventos e fortalezas, dentro das quais se guardavam grandes valores. E exerciam as funções de bancos ou de casas fortes, onde particulares depositavam confiadamente os seus tesouros. A Ordem dos Templários, com todos os seus fidalgos eram admitidos nas suas fileiras, exer-

OS NOVOS ME

Com a Indústria mecânica, a aceleração conduziu, automaticamente, à expansão das formas de homogeneização do espaço e do tempo. As burocracias baseadas nas condições da mecanização do século XIX tendiam para uma centralização do poder, acompanhada de um alargamento centrífugo do seu domínio. Havendo uma aceleração electrotécnica muito maior, essas burocracias estão sujeitas a um fenómeno semelhante ao sofrido pelo avião quando ultrapassa a barreira do som: a própria acção dos comandos é invertida. Este mesmo princípio de rotação ou de inversão aplica-se ao computador, que permite transformar, à mesma velocidade e pelo mesmo preço, com formas diferentes numa centena de artigos idênticos. Isto é, o programa do computador pode ser instantaneamente modificado para permitir o fabrico de uma centena de variantes do mesmo tubo de escape de um automóvel, por exemplo, de modo a produzir cem artigos do mesmo calibre e com as mesmas dimensões. A acção de velocidades de informação instantânea, como o telefone ou o telex, descentraliza todas as formas de organização centralizada do «hardware» mecânico.

Em matéria de educação, a recuperação e a dispersão instantâneas dos dados do ambiente total levam ao desaparecimento dos fins e dos objectivos. O novo meio de informação cria uma perspectiva total na qual os objectivos das operações privadas se tornam tão ultrapassados como a política «particular» de um governo ou a investigação especializada de um estudante. O papel a representar substitui a investigação dos fins, a todos os níveis e em todos os compartimentos de edifício social. Os antigos monopólios de conhecimento são impossíveis de manter, na medida em que o público participa nos fenómenos sociais.

A partir do Sptunik, o meio ambiente satélite do planeta criou a «Nave Espacial Terrestre», onde os habitantes do mundo passam a ser actores em vez de espectadores. Com a Terra colocada num ambiente fabricado pelo homem, a «Natureza» cede o lugar à «programação», em que todos os efeitos de uma acção devem ser conhecidos de antemão e em função das suas causas. Com a perspectiva total imediata de confiança, criada pelo ambiente dos serviços de informação, o simples processo de reunião e de difusão dos dados tornou-se muito mais importante do que o conteúdo informativo dos acontecimentos, que eram, outrora, o objecto desses serviços. Assim, os indivíduos encarregados de estudar e de rela-

tar a guerra do Vietname ultrapassam, de longe, o número daqueles que combatem. Acontece o mesmo com a educação. Actualmente, todo o mundo possui serviços de informação ou do meio informativo, que tornam as antigas actividades educativas insignificantes. O estudante mergulha cada vez mais no processo educativo, tal como a criança está totalmente empenhada durante o período em que aprende a língua materna.

O aspecto «hardware» ou o tijolo e a argamassa da educação em sala de aula estão em rápida regressão como componentes da instrução. Não são apenas as escolas ou as universidades que, presentemente, são «desprovidas de paredes»; as próprias cidades tornam-se móveis.

PARA UMA CONSCIÊNCIA GLOBAL DA CONDIÇÃO HUMANA

Deste modo, no século do «Jacto», a indústria do cinema compreendeu que os antigos estúdios Disney ou Paramount eram inúteis. É mais fácil transportar actores e realizadores para um local geográfico afastado do que reproduzir ou simular esse local com a ajuda de truques de encenação. O mesmo se passa com a educação. Em breve será menos pesado e mais fácil transportar directamente o estudante para as culturas em que estuda do que fornecer-lhe um sem-número de dados classificados, referentes a essas culturas, dentro das paredes das universidades ou dos institutos.

No universo do ambiente total electrotécnico fabricado pelo homem, que é o da «Nave Espacial Terrestre», o ser humano regressa à condição de caçador paleolítico, que não conhece nem «assuntos» nem «especialidades». Tal como o antropologista aprendeu a estudar as culturas como entidades globais e integrais, ignorando todas as categorias da economia, do sexo, da família, da educação e da política, também o estudante do futuro deverá esforçar-se por adquirir uma consciência global da condição humana. A consciência não é um conceito. É um processo que dá significado às percepções. A percepção substitui, inevitavelmente, a concepção nos domínios submetidos a alterações rápidas, criadas pelo nosso acesso «eléctrico» aos conhecimentos. O estudante subsistirá ao transformar-se num caçador da idade da Pedra. Poderia observar-se, de brincadeira, que o endurecimento e a dissecação das categorias de ideias recebidas deu, bruscamente, à percepção a fluidez daquela época. Tal como sublinha I Ching, tudo o que é levado ao extremo muda de característica. Hoje, todos os antigos métodos de organização das energias humanas foram levados ao extremo pela aceleração electrónica e todas as imagens familiares, adquiriram características opostas. A rapidez eléctrica, os Estados Unidos transformaram-se no país de ine-

ficácia. Sem distinção geográfica ou ideológica, todas as burocracias desapareceram por intermédio das novas velocidades que não podiam suportar. Actualmente, o Stock Exchange de Nova Iorque tem de fechar as suas portas durante algum tempo, todas as semanas, para registar os valores vendidos.

A experiência é inútil a «velocidades eléctricas». O conhecimento toma, inevitavelmente, o lugar de experiência. Todos os efeitos devem ser previstos segundo e nas suas causas, de tal modo os resultados surgem ao mesmo tempo que elas. O simples conhecimento é, então, substituído pelo reconhecimento dos desígnios. A.I.B.M. sublinhou, há bastantes anos, que «a sobrecarga de informações obriga a um reconhecimento das estruturas». Num mundo em que a criança é já «um velho aos três anos», em matéria de informação, a classificação desta, em todos os processos adoptados pela educação actual, é demasiado lenta e incómoda para ser útil ou adequada. Devem ser aprendidas instantaneamente estruturas globais para as necessidades da «navegação» ou da sobrevivência. Esta nova situação é muito bem descrita na anedota que se conta sobre uma mensagem enviada a um mergulhador: «Suba imediatamente. O barco está a afundar-se!»

As novas tecnologias, a nova roupagem que esse ambiente constitui, forçam-nos a rejeitar as antigas estruturas de ordem social, mas, simultaneamente, há um restabelecimento de arquétipo estrutural. Foi o desaparecimento dos fins e dos objectivos, não só em política ou negócios, mas na educação, que criou o absurdo no mundo contemporâneo. A grandes velocidades, é impossível aos jovens participar em qualquer forma especializada de educação ou de ordem social, tal como os conhecemos desde o nascimento. A tecnologia de Gutenberg pôs de parte a cultura, sobretudo manuscrita, da idade Média, mas, simultaneamente, reencontrou e pôs em relevo o mundo da Antiguidade Clássica, acessível à tecnologia manuscrita.

Hoje em dia, a esfera eléctrica implanta o predomínio da produção mecânica e do sistema burocrático do século XIX. A organização hierárquica tornou-se inerica, mas, ao mesmo tempo, descobre o mundo primitivo, lançando no seio do Ocidente todas as sociedades arcaicas, exactamente como Gutenberg lançara a antiguidade romana no mundo do século XVI. Mergulhados nos modos de consciência mais primitivos, esgotámos as ideias. A horoscopia, a percepção extra-sensorial e a educação da sensibilidade suplantaram a identidade individual e a civilização.

Na Nave Espacial Terrestre, a própria Natureza parece um caos poluído. Na era do computador, a arte substitui, necessariamente, a Natureza. O poder criador substitui a reprodução. Os pro-

DO FÓSSIL AO ÁTOMO

"É necessário que apelemos mais intensamente para a inteligência", diz Pierre Messmer, "para a inteligência dos sábios, engenheiros e técnicos, para que descubram novas fontes de matérias-primas e uma melhor forma de utilização das que dispomos". Começou a corrida à invenção.

O esgotamento dos recursos naturais, que eram explorados ao ar livre, obriga o homem a procurar e a explorar novas jazidas de matérias-primas, por vezes no prolongamento das reservas conhecidas, nos "plateaux" continentais, para lá da costa, no fundo do mar. Foram traçadas cartas do "plateau" continental francês, estando outras em preparação. Está feito o inventário das jazidas de petróleo ou de minerais. Para o petróleo, o problema reside em equiparem-se as saídas dos poços a 300 ou 500 metros de profundidade. As técnicas aperfeiçoam-se. A maior dificuldade a ser vencida: a capacidade de o homem efectuar um trabalho quotidiano no fundo das águas marinhas.

No que respeita aos minerais, existem verdadeiros campos submarinos, sob a forma de nódulos, que convem serem explorados, por dragagem. Foi concebido um engenho de uma vintena de quilos, que quando toca o fundo do mar, larga o lastro e cujas maxilas, accionadas por uma mola, recolhem o solo.

Tendo recolhido o minério, o engenho é trazido à superfície por flutuantes, podendo operar até profundidades de 6000 metros. Quando emerge, é localizado por balizas ópticas ou de rádio. A operação é rápida e pouco onerosa, e o equipamento a empregar modesto.

O Centro Nacional de Exploração dos Oceanos (CNEXCO) e a Sociedade Nickel confirmam o aperfeiçoamento do sistema às Oficinas e Estaleiros da Bretonha.

Outros estudos referem-se a um processo japonês semelhante à draga de baldes. Cinco países formaram um sindicato nacional ligado às sociedades japonesas promotoras do projecto. Por outro lado, estão já a ser efectuadas campanhas de exploração em diversas zonas do Pacífico. Sob o nome de "Operação Famous", uma expedição franco-americana está a efectuar pesquisas de rochas nas maiores fossas conhecidas. O "disco" francês 3000 e o batiscafo "Arquimedes", da marinha nacional francesa, tomam parte na operação, apoiados pelo submarino "Alvin".

Agrupados sob a sigla Eurodif, cinco países europeus decidiram, em fins de Novembro, a construção de uma central de enriquecimento de urânio. Que local escolher? Os italianos propuseram instalar-se a central à beira mar, não longe de Roma. O local preferido foi, no final, o de Tricastin, no vale do Ródano, nas proximidades da fábrica de material militar de Pierrelate, que em breve fechará as suas portas. Essa escolha explica-se — os problemas de financiamento devem ser resolvidos no mês que vem — pelo facto de Pierrelate reunir 2500 especialistas franceses, susceptíveis de participarem na construção da futura central. Além disso, já foram sondados todos os terrenos nas imediações de Pierrelate, o que representa um ganho de tempo.

A construção da central de enriquecimento de urânio será acompanhada pela de quatro centrais nucleares, fornecendo a enorme quantidade de electricidade — 2300 megawatts — de que a central necessita. A Eurodif resolveu construí-las perto, do outro lado do canal de Donzère, em Saint Paul les Trois Châteaux. O primeiro reactor deverá entrar em funcionamento em 1979, e o segundo um ano mais tarde. Como o melhor que Pierre Messmer tem conseguido nos primeiros dias de Fevereiro, anunciar o começo da construção, a partir deste ano, de quatro centrais nucleares. Calculou que a electricidade produzida a base de fuel ou de carvão não chegará a representar um terço da produção nacional "numa data tão próxima quanto possível de 1980". A restante será de origem hidráulica e nuclear.

Uma trintena de explorações de minério nuclear serão começadas nos próximos dez anos, em França, em oito ou dez locais novos. A passagem do local do átomo vai-se fazer dentro em breve. Um número bastante grande de centrais nucleares entrará em funcionamento muito antes do final do século. É, naturalmente, surge de novo a velha crença: tudo isto não será abominavelmente perigoso? Bons espíritos assustam-se pelas gerações do futuro; é por elas que têm agora medo.

Na verdade, será preciso fazer-se do problema nuclear um pesadelo?

Os sábios pintaram um quadro negro. A concretizar-se a sua opinião, a era nuclear engendrará monstros. Uma multidão de crianças será deformada. É esquecer que o átomo exige extremas precauções de emprego. A manufatura de combustíveis atómicos é submetida a controles múltiplos. O consumo e a retenção dos produtos de "combustão" é rigorosamente vigiado. As regras de segurança são com vezes mais estritas que para matérias reputadas como mais perigosas. Ao fim de vinte anos de experiências, os sábios são de opinião de que a saúde pública não será melhor preservada pelo desenvolvimento das técnicas nucleares do que o tem sido até agora em todas as expansões e revoluções técnicas da indústria. O risco foi calculado — avizinha-se do zero...

Isso não impede que quando se projecta construir uma central numa região, o terror se apodere da população local. Não haverá perigo de uma catástrofe? Não será de estabelecer imediatamente um plano para a sobrevivência da região? Sucederem-se as conferências internacionais sobre o assunto. Desde 1963, a conferência atómica mundial não deixou de abordar a qualquer dos aspectos da questão da rejeição de objectos radioactivos e dos "cemitérios" atómicos.

As centrais nucleares são submetidas, actualmente, a duas espécies de controle: do ar e da biologia. São feitos controlés fixos pela amostragem continua de ar, controles volantes — pelo menos dois por mês, com medições numa dezena de pontos num raio de dez quilómetros — graças a camionetas especialmente preparadas. São colhidas amostras de ervas pelo menos uma vez por semana — controle biológico — num ou dois pontos em trono da central para a erva, e em quatro ou cinco quintas "testemunho" da central para o leite.

Resultado: para a central de Chinon, onde a experimentação foi a mais longa, a radioactividade do ar no local da central em nenhuma das circunstâncias ultrapassou a radioactividade natural em qualquer ponto do território francês. Quanto as amostras recolhidas e analisadas em laboratório, nunca apresentaram qualquer efeito mensurável.

JEAN GRANDMOUGIN

100
100
100

**EM CEM SÓ UM SERÁ
COMANDO**



Guinness no seu mais recente papel; sempre um actor de composição.

RETRATO DE ALEC GUINNESS

Adolfo Hitler, no seu «bunker» berlinense parcialmente destruído pelas bombas, explica a Eva Braun os planos que lhe permitirão retomar as rédeas de uma Europa nova. Se bem que não lhe restem mais de dez dias de vida, ainda se assemelha ao Führer dos bons velhos tempos, embora ligeiramente grisalho. Trata-se da cena de um filme recordando Hitler. Os berlinenses foram os primeiros a revê-lo. Alec Guinness interpretou-o.

Guinness. Quem é? Um actor britânico puro-sangue, distinto, reservado, culto, gentil e modelado por séculos de democracia inglesa. Desta vez, graças a uma peruca e bigode e a falsas rugas, transformou-se no ditador alemão, mudando até de aspecto físico, de cultura e de carácter.

Alec Guinness (Sir Alec desde 1959) tem, na verdade, o dom da despersonalização, ao ponto de não se lhe conhecer a verdadeira face. Foi o chefe árabe Faizal em Lawrence da Arábia (1962) e o imperador Marco Aurélio em A Queda do Império Romano (1963). Representou também toda a hierarquia católica: padre em Father Brown (1954), cardeal em The Prisoner (1955) e, fi-

nalmente, papa no último filme de Franco Zeffirelli, Irmão Sol, Irmã Lua. Ocupou, ainda, todos os graus da hierarquia militar britânica, sobretudo a dos «majores ingleses». Sempre como actor, esteve, inclusivamente, à cabeça do seu país: encarnou Carlos I no filme Olivier Cromwell (1969) e (mais democraticamente) Disraeli, na fita The Mudlark (1950).

Em Oito Vidas por um Título, rodado em 1950, desempenhou, simultaneamente, oito papéis: snobe, general, fotógrafo, almirante, padre, banqueiro, duque e uma sufragista. A versatilidade do actor apoia-se no talento, como é óbvio. Mas não só. O trabalho intenso e o desejo de ser

perfeito — quase raiando a mania — definem Guinness. «Não compreendo uma personagem se não consigo assimilar a sua maneira de andar» — diz.

Quando lhe foi feita, em 1962, a proposta para desempenhar o papel de um japonês num filme, acedeu. Mas, antes das filmagens partiu para Tóquio, onde se demorou cerca de quinze dias a fim de se integrar nos hábitos nipónicos. O desejo de atingir a perfeição acompanha-o desde há muito: ainda estudante, participou, no papel de um mensageiro, na peça Macbeth. Para que a cena se aproximasse o mais possível da realidade percorreu por duas vezes o campo de futebol da escola, poucos minutos antes de entrar em cena ...

Sir Alec é hoje um grande actor que respira tranquilidade e paz de espírito, factor inerente a alguns eleitos que conhecem, ou conheceram, o êxito. Casado há 35 anos e pai de um filho com 31, Guinness pode dar-se ao luxo de cultivar com o maior sossego o

seu humor de britânico numa vivenda de Hampshire. Enquanto a mulher pinta, ele pesca ou joga o mahjong. «A minha casa — diz — é uma concha que partilho unicamente com a minha mulher e o meu filho.» Por isso repele os jornalistas, como por exemplo os «selvagens» americanos que o procuravam quando lhe foi atribuído, em 1958, um Oscar pelo seu desempenho no filme A Ponte do Rio Kwai. «My home is my own» (a minha casa é só minha) — justifica-se. «E não temo as críticas. Deixei de as ler em 1948 após interpretar Ricardo III no Old Vic. Um dos críticos disse que me ouvia tal como se escutasse Bach, e outro escreveu que não havia qualquer musicalidade na minha voz».

A tragédia dominou, contudo, o início da sua carreira de actor: miseravelmente, dividia os dias entre o emprego — era escriturário numa agência de publicidade — e os teatros de Londres, onde assistia a todas as peças sentado no



A Ponte do Rio Kwai valeu a Guinness um Oscar, e muita publicidade indesejável para quem gosta da sua tranquilidade.

galinheiro. Comia quando podia, dormia numa água-furtada e andava a pé a fim de economizar os bilhetes de autocarro. Até que um dia — tal como nos contos de fadas — encontrou uma fada boa, sir John Gielgud (actor e produtor shakespeariano) que lhe deu dinheiro para comer e o encorajou a entrar para o teatro. Em 1934 admitiu-o na sua companhia. *Osríc*, do *Hamlet*, foi o seu primeiro papel.

Quando estalou a guerra o actor não pôde deixar de desempenhar nela um papel: o de marinheiro, no início. Um ano mais tarde desembarcou na costa siciliana, já comandante. Ai, na praia inimiga, esperou tranquilamente a principal vaga de assalto que

permitiria consolidar o terreno conquistado. Só passada meia hora ela chegaria — ao que o futuro sir Alec comentou que tal demora, possível num campo de batalha, seria no entanto incompatível com o palco de qualquer teatro do West End de Londres.

Após a guerra, Guinness retomou a sua actividade teatral (*Hamlet* em 1947, *Ross* em 1957, *Dylan* em 1963, *Macbeth* em 1965, ao lado de *Simone Signoret*, e *A Voyage Round my Father* em 1971), mas é ao cinema que o actor deve a celebridade. *Grandes Esperanças* o primeiro filme que rodou, e *Oliver Twist*, o segundo, foram adaptados de duas obras de Dickens e encenadas por David Lean. Seguiram-se



—lhes comédias tipicamente inglesas, mas fáceis de exportar, nomeadamente: *Roubei um Milhão*, *O Homem do Fato Claro* e *Oito Vidas por um Título*.

Alec Guinness não é, porém, uma figura popular junto do grande público, visto recusar-se a alimentar crónicas mun-

danas e a bisbilhotice alheia. No filme referido — *Os Dez Últimos Dias de Hitler* —, de Wolfgang Reinhardt, o actor reencontra um papel à sua altura. Anúncios publicitários afixados nos autocarros londrinos reproduzem o rosto do actor: mas, uma vez mais, ninguém o reconhece.

Em "O Doutor Jivago" Alec Guinness teve um dos papéis menos gloriosos mas mais trabalhosos da sua carreira. Dentro do seu estilo de representar, esse é um dos acidentes mais vulgares.





automóveis de aluguer
sem condutor

Largo D. Fernando, 1-2
Caixa Postal, 680

Telefones 22722 3-23312
LUANDA - Angola

CATONHO TONHO COMERCIAL, S.A.R.L.
ARMAZENISTAS

IMPORTAÇÃO EXPORTAÇÃO

Completo sortido de mercadorias nacionais e estrangeiras

Caixa Postal, 119
Telefone 2 32 34
Telegramas:
CATONHOTONHO

Rua Direita de Luanda, 34-36
LUANDA - ANGOLA

VEÍCULOS ELÉCTRICOS

panorama das realidades actuais

A evolução da poluição atmosférica das grandes metrópoles preocupa o mundo actual. Dentro desta forma de poluição grandes responsabilidades foram imputadas ao automóvel. Notícias alarmantes chegam constantemente de Los Angeles, Dusseldorf, Tokyo, New York e outras cidades. Têm sido, realmente, constatados casos de intoxicação.

Perante estes factos, e o grau de urgência para tentar encontrar soluções, numerosos organismos públicos e privados de diversos países iniciaram projectos de que resultaram notáveis melhoramentos no transporte por veículos eléctricos.

QUALIDADES E DEFEITOS DOS VEÍCULOS ELÉCTRICOS

Duas das principais qualidades dos veículos eléctricos são: a ausência de ruídos de escape e um funcionamento extraordinariamente silencioso.

Por outro lado, a suspensão da embraiagem, da caixa de velocidades e mesmamente do diferencial, conduz a uma notável diminuição das despesas de manutenção. A par disto, os veículos eléctricos apresentam uma condução extraordinariamente simples.

O maior inconveniente apresentado por este tipo de veículo, reside no peso dos acumuladores, necessários para armazenar toda a energia solicitada pelo motor eléctrico.

A capacidade de armazenagem de energia, é limitada pelo peso que apresentam os actuais acumuladores.

Para a mesma quantidade de energia potencial transportada, a relação de pesos entre uma bateria e um combustível líquido oscila de 30 a 50.

Este defeito influi desfavoravelmente sobre as «performances» dos veículos eléctricos. Entre outras desvantagens decorrentes deste facto, apresentam um raio de acção e uma velocidade pouco elevados. Por outro lado, o desenvolvimento dos veículos eléctricos está actualmente limitado aos centros urbanos e às suas periferias.

POSSIBILIDADES DOS VEÍCULOS ELÉCTRICOS

Os veículos podem ser divididos em quatro categorias, a saber:

PRIMEIRAS CATEGORIA — VEÍCULOS PARA ZONAS RESERVADAS

Os veículos desta classe são de pequenas dimensões e destinam-se, tanto ao transporte de pessoas, como à tracção de unidades de limpeza e de manutenção, de pequenas unidades para o transporte de mercadorias nas fábricas, nos entrepostos, supermercados, aeroportos, jardins públicos, superfícies reservadas à circulação de peões, etc.

A velocidade destes pequenos veículos que oscila pelos 20 km/h e a sua potência da ordem do kW, autoriza o seu

emprego por pessoas não munidas de carta de condução, o que poderá prestar grandes serviços a deficientes físicos ou a pessoas idosas.

Estes veículos relativamente ligeiros e não cobertos, deverão ser capazes de subir rampas com 15% de inclinação e deverão oferecer uma autonomia de cerca de 40 kms.

Os pequenos tractores de garagens e entrepostos, actualmente utilizados em larga escala, serão classificados nesta gama, bem assim como as pequenas plataformas sem carroçaria.

SEGUNDA CATEGORIA — VEÍCULOS URBANOS

Tenta-se alcançar com esta gama, um dos tipos de veículos mais procurados, mas também, dos mais difíceis de realizar. Este veículo deverá apresentar simultaneamente características muito contraditórias: ligeireza, velocidade, autonomia.

É absolutamente necessário respeitar o seguinte imperativo: a velocidade será limitada a 60 km/h, com pequenas pontas a 80 km/h.

A autonomia será da ordem dos 60 a 100 km, entre duas recargas das baterias, segundo a importância da carga transportada do perfil do caminho utilizado e do estilo de condução adoptado.

O veículo eléctrico urbano de transporte de passageiros, deverá ser concebido para transportar duas pessoas no máximo, assim como uma pequena carga de cerca de 30 kg correspondente ao peso e ao volume de duas malas normais ou de pequenos embrulhos.

O seu «chassi» e a sua carroçaria deverão ser, se possível, curtos, para permitir o estacionamento perpendicular ao passeio.

As características de aceleração deste veículo deverão permitir seguir o ritmo normal da circulação urbana. Por essa razão, esta aceleração deverá alcançar 1,5 m/s² no arranque e manter-se seguidamente a 1 m/s² até à velocidade de 50 km/h.

TERCEIRA CATEGORIA — VEÍCULOS UTILITÁRIOS

Esta gama é bastante extensa, cobrindo todos os veículos de transporte de passageiros e mercadorias, desde 150 a 1 500 kg, de carga útil.

Dada a sua importância, convém distinguir:

— Uma gama baixa — correspondendo a veículos de 150 a 350 kg de carga útil, susceptíveis de serem empregues em serviços comunais ou de certas administrações e serviços públicos (EDF-GDF) como veículos para pequenas intervenções;

— uma gama média de 350 a 700 kg de carga útil; utilização como furgonetas para transporte porta-a-porta e como táxis particulares e colectivos;

— uma gama alta de 700 a 1500 kg, de carga útil. Trata-se de veículos utilitários, ou de pequenos autocarros de 8 a 12 lugares sentados.

As «performances» destes veículos deverão ser as mesmas que dos veículos urbanos: velocidade de cruzeiro: 60 km/h com algumas pontas possíveis a 80 km/h; autonomia de 60 a 100 km.

No estado actual e tendo em conta as técnicas de construção utilizadas, o conjunto dos veículos desta terceira gama apresentam um peso total repartido da seguinte maneira:

— Chassi e carroçaria, 1/3; — Bateria e motor de tracção, 1/3; — Carga útil, 1/3.

QUARTA CATEGORIA — VEÍCULOS PESADOS

Esta quarta e última categoria igualmente vasta, incide sobre os camiões e autocarros eléctricos. Podemos subdividi-la em duas subcategorias:

— uma gama baixa de 2 a 6 toneladas de carga útil, o que conduz a veículos de 9 a 10 toneladas de peso total em carga;

— uma gama alta de carga útil superior a 6 toneladas.

REALIZAÇÕES

Dos veículos atrás referidos, existem já, nalguns países da Europa que nos rodeiam, uma quantidade significativa que circula diariamente.

Estes veículos são realizações comerciais que desde há muito ultrapassaram o domínio experimental.

Na Grã-Bretanha, mais de 60 000 destes veículos percorrem as ruas de numerosas cidades. O tipo mais corrente nestes países, é o da gama média de veículos utilitários.

Estas camionetas equipam numerosos serviços de distribuição de leiteiras, padarias e fábricas de cerveja; os serviços de limpeza de certas cidades estão também equipados com camiões eléctricos.

Os veículos construídos pela firma Harbit estão revistos, entre outros, para serviços de recolha de lixo e limpeza de caixas de esgotos.

Existem, entre os veículos das cidades de Birmingham, Glasgow, Sheffield e Nottingham, alguns que datam de 1920. «The Electricity Council» encomendou 60 viaturas de dois lugares do tipo Enfield 8 000 (velocidade 64 km/h.; autonomia 45 km).

As firmas Hawker — Siddeley, Morrison, Crompton, etc., construíram numerosas camionetas eléctricas, bem assim como protótipos de miniautocarros.

Em França, a Sociedade Sovel construtora de veículos eléctricos, forneceu mais de 250 veículos de recolha de lixo para a cidade de Paris.

Alguns destes veículos, percorreram cerca de 300 000 km em 40 anos de serviço ininterrupto.

VEÍCULOS

Esta sociedade constitui três miniatu-
ras de 21 lugares para a EDF.

Estes, foram ensaiados fora das hor-
as de ponta em certas linhas de Cler-
mont Ferrand, Besançon e Montpellier,
entre outras. Esta Sociedade construiu
também autocarros de grande capacida-
de — 30 lugares — para o transporte de
passageiros ao aeroporto de Marseille-
Marianne e prepara uma nova série de
autocarros de veículos de manutenção de
iluminação pública.

No domínio de viaturas de Interven-
ção, EDF em colaboração com RNR lan-
ça uma série de veículos cuja construção
é baseada no R4.

Enfim «La Voiture électronique»
construiu uma série importante de veí-
culos que cabem na 1.ª gama. São os
«Porquerolles», versão comercial do veí-
culo todo electrónico Jarret.

Na Holanda, as firmas Creusen e
Spijkstaal dividem entre si, um mercado
onde já circulam mais de 15 000 veículos
eléctricos. Trata-se principalmente de
camionetas de distribuição de leiteiras,
padarias e mercearias, tal como na Grã-
Bretanha. Se a velocidade dos veículos
holandeses nos parece bastante lenta
(10 a 18 km/h) é preciso não esquecer
que, por um lado, a circulação do trânsi-
to se processa quase toda no exterior
nas aglomerações, e por outro lado, es-
tes veículos estacionam durante longos
períodos.

A Alemanha Ocidental dedicou-se ao
estudo de autocarros urbanos.

A MAN construiu um autocarro eléc-
trico experimental, cujas baterias estão
alojadas num reboque, enquanto a Mer-
cedes-Benz realizou um autocarro híbrido,
cujo sistema de motor é misto. A
energia necessária para o motor de trac-
ção, é fornecida pelas baterias, unica-
mente durante a circulação urbana.

Fora das povoações, um grupo elect-
rogénico (diesel-gerador) fornece ener-
gia eléctrica ao motor. A VW e a Mes-
serschmitt, em colaboração, estudam
actualmente diferentes tipos de camio-
netas.

Enfim, para a Bélgica, devemos citar
duas experiências principais efectuadas
nas sociedades EBES de Anvers e inter-
com de Bruxelas.

Trata-se, para a Intercom, da utiliza-
ção dum veículo elevador para manuten-
ção das fontes de iluminação pública.
Estes veículos percorrem somente alguns
quilómetros por dia.

No caso de utilização dum motor
térmico, este deve funcionar permanente-
mente, para alimentar a bomba hidráulica
que acciona a plataforma elevatória :
A utilização dum motor eléctrico evita
que a equipa de trabalho esteja sujeita às
ameaças do escape.

A sociedade Evelec estudou em com-
a Sociedade francesa Sovel, um elevador
de cesto do tipo normal que pode ser
utilizado por todas as sociedades distri-
buidoras de electricidade. Por seu trno,
a sociedade, EBES experimenta 5 peque-
nas camionetas eléctricas estando duas

em serviço desde 1969 e duas outras
desde 1970. Estes veículos são utilizados
pelas equipas de ligação e manutenção
da rede BT de Anvers e arredores.

FONTES DE ENERGIA

Actualmente são duas as fontes de
energia, transportadas pelos veículos
eléctricos capazes de alimentar os moto-
res eléctricos. São, por um lado, as bate-
rias de acumuladores das quais existe
uma dezena de tipos diferentes do grupo
Electrodos-Electrolitos. Por outro lado
existem pilhas de combustíveis cujo nú-
mero de variedades e ligeiramente me-
nos elevado, e que estão actualmente no
domínio da pesquisa.

O ponto de partida do estudo das
pilhas de combustível está ligado ao de-
senvolvimento da tecnologia espacial. O
preço destas pilhas é ainda muito eleva-
do : 2 DM./wWh.

Finalmente a construção das pilhas
de combustível complica-se pela neces-
sidade de depuradores e recuperadores de
combustível.

Relativamente às baterias de acumu-
ladores, há mais de cem anos que são
utilizadas como fonte de energia. Actual-
mente as mais utilizadas são as dos ti-
pos chumbo-solução ácida e ferriquel
— solução alcalina. Estes tipos de bate-
rias são de construção bastante simples
e de manutenção fácil. Se os progressos
realizados na construção de tais baterias
evoluíram notavelmente sob o ponto de
vista técnico, a armazenagem de energia
em Wh/kg tem-se mantido sempre nos
30 kW/kg para as baterias alcalinas.

É conveniente assinalar a enorme
quantidade de pesquisas realizadas, no
campo de outros tipos de acumuladores
de sistema electroquímico. Citaremos por
exemplo, as baterias Prata/Zinco, Prata/
/Ar e Zinco/Ar. Nesta última categoria
os estudos estão já bastante desenvolvi-
dos sobretudo nos E.U.A., Grã-Bretanha,
Japão, Suécia e RFA.

Os estudos sobre baterias Zinco/Ar,
levam a crer ser este o tipo mais prome-
tedor a desenvolver no campo das novas
fontes energéticas, tendo sobretudo em
atenção o estado actual da pesquisa nou-
tros domínios (pilhas de combustível). A
densidade energética destas baterias é
da ordem dos 120 Wh/kg.

Nos E.U.A. e no Japão, estuda-se
actualmente um acumulador que utiliza
electrodos líquidos de sódio e enxofre.
Neste caso o electrólito é sólido (óxido
de alumínio). A temperatura de funcio-
namento é elevada (cerca de 300°C) e o
perigo permanente que apresentam as
reações violentas do sódio em contacto
com água, e um dos grandes inconvenien-
tes.

A densidade energética útil destas
baterias é vizinha dos 200 Wh/kg.

Se tivermos em atenção, que a razão
entre a densidade de energia armazenada
pelos combustíveis líquidos e a densidade
de energia armazenada pelos acumulado-
res de chumbo é de 30k1, verificamos

que os melhores resultados obtidos são
ainda longe dos 90Wh/kg dos combustí-
veis líquidos.

Não poderemos terminar este capi-
tulo sobre baterias sem falarmos, nos car-
regadores. Enquanto que, para os veículos
de motor térmico, a recarga de energia
se efectua nalguns instantes, a imobiliza-
ção dum veículo eléctrico no momento da
recarga é infinitamente mais longa.

As pesquisas dos últimos anos, têm-
se também orientado, por um lado, em
direcção a uma recarga rápida dos acu-
muladores e por outro lado, em direcção
ao estudo de diferentes sistemas que per-
mitam uma troca rápida das baterias.
As vantagens económicas, devidas à re-
dução dos tempos mortos são evidentes.
A utilização dum recarga rápida con-
duz ao aparecimento de inconvenientes
responsáveis pela diminuição da dura-
ção da bateria. Assim, o desprendimento
gasoso e a temperatura elevada do elec-
trólito, são fenómenos indicadores de per-
da de energia. Contudo, actualmente, es-
tá-se a ajustar a corrente de carga de
uma forma contínua e automática. Uma
maneira de regular esta baseia-se na ten-
são aplicada aos bornes dos elementos e
no tempo de fornecimento de corrente.
Um outro sistema baseia-se no funcio-
namento dum detector de hidrogénio. O
detector aquecido electricamente, é sen-
sível à temperatura. Sendo o hidrogénio
um elemento de arrefecimento muito efi-
caz, o detector dá o sinal requerido per-
mitindo assim regular a intensidade da
corrente de carga.

Para alguns veículos eléctricos, como
os do tipo elevatório, a troca de baterias
não oferece nenhuma complicação.

Para os veículos de estrada desde que
as baterias estejam alojadas de forma
pouco acessível, a imobilização torna-se
sempre necessária.

Algumas firmas como a Selak na
RFA estudaram a possibilidade de troca
rápida de baterias. A ligação destas ao
veículo faz-se por um sistema de conec-
ção rápida. As baterias são colocadas
sobre uma mesa móvel munida de rolos
na parte superior. Estas mesas aproxi-
mam-se do alojamento das baterias do
veículo à altura requerida.

Seguidamente basta introduzir as ba-
terias no seu lugar por meio dum mar-
caco ou de um outro sistema. A ligação
faz-se então automaticamente.

MOTORES E REGULAÇÃO DA VELOCIDADE

A existência nos veículos eléctricos,
duma fonte de energia debitando corren-
te contínua obrigou naturalmente os
construtores a adaptar os motores eléc-
tricos à corrente contínua. A construção
destes motores faz-se somente em peque-
nas séries, ou mesmo peça a peça se se
trata de potências relativamente eleva-
das. Por outro lado, a vantagem princi-
pal destes é a de oferecerem no arranque,
um binário elevado.

ELÉCTRICOS

Esta vantagem permite aos construtores de veículos eléctricos suprimir a embraiagem e a caixa de velocidades.

A diminuição do binário, com o aumento da velocidade de rotação, harmoniza-se bem com as características pedidas para a tracção eléctrica.

Relativamente à escolha de tipo de motor da corrente contínua, existem partidários para o motor série e partidários para o motor compound.

Parece que, para os veículos pesados a escolha recai sobre os motores série.

Alguns veículos estão equipados não somente com travões eléctricos mas também com um sistema de recuperação de energia. Relativamente a este assunto, alguns construtores pensam recuperar até 25% de energia utilizada. Outros contentam-se em anunciar somente 14%, o que, para os veículos cuja autonomia é relativamente pequena, representa uma vantagem certa.

Alguns construtores e investigadores pensaram utilizar um motor de corrente alternada de gaiola de esquilo, cujo binário é também elevado e cuja fabricação em grande série diminui francamente o preço de compra.

Este preço é infelizmente demasiado onerado pelo emprego obrigatório de um

alternador muito caro, a fim de se obter corrente alternada à saída das baterias.

A propulsão dos veículos eléctricos, põe em jogo potências importantes, por consequência a regulação de correntes elevadas. Tradicionalmente a regulação desta corrente fazia-se por intermédio de resistências inseridas em maior ou menor número no circuito de alimentação dos motores.

As perdas por efeito Joule nestas resistências, eram importantes e prejudicavam consequentemente a autonomia do veículo.

Este sistema, é contudo ainda utilizado em certas camionetas, em virtude da incidência sobre o preço do veículo, dos sistemas de controlo electrónicos.

A descrição de tais sistemas de regulação da corrente, denominados «hacheur», não entra no âmbito deste artigo. Estes oferecem uma grande flexibilidade no andamento e economizam energia no arranque, pela passagem «tudo ou nada» da corrente nos motores, contrariamente ao sistema de resistência que absorve em pura perda uma parte da energia.

Em resumo, um inversor estático aplicado alternativamente aos bornes do motor, seja a tensão da bateria, durante um tempo 11, seja uma tensão nula durante um tempo 12. Se T é igual à soma

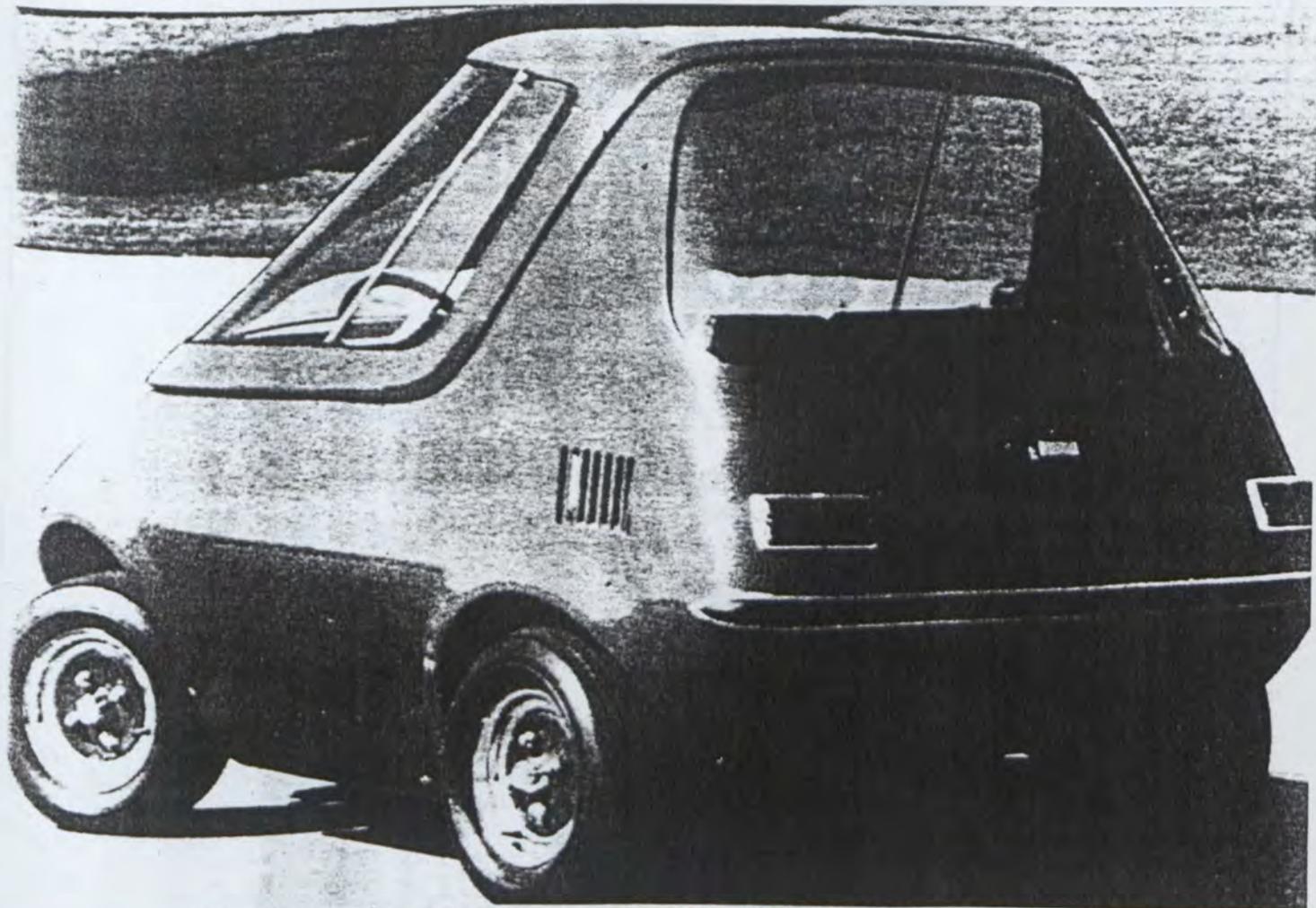
de 11 mais 772 e é constante, fazendo variar 11 em relação a T obtém-se nos bornes do indutor uma tensão, compreendida entre zero e a tensão da bateria o que permite fazer variar a velocidade do motor.

Em conclusão, os estudos prosseguem, por um lado para melhorar as «performances» do veículo eléctrico, pela pesquisa do melhor rendimento global é pelo estudo de novos tipos de baterias de menor peso específico, e por outro lado e a mais longo prazo, pela substituição das baterias por pilhas de combustível mais provável o hidrogénio.

Estamos chegando ao fim deste resumo de realizações no domínio dos veículos eléctricos.

Contudo, queríamos assinalar que, paralelamente a este trabalho, estão em curso estudos realizados no seio de diversas comissões de organismos internacionais (UNIPED-CEI) no que diz respeito às definições dos termos empregues, as normas a utilizar, etc. Enfim, assinalamos que a Sociedade Evelec em Bruxelas foi designada para estabelecer o centro de documentação da UNIPED relativamente a veículos eléctricos.

Z. JACQUES



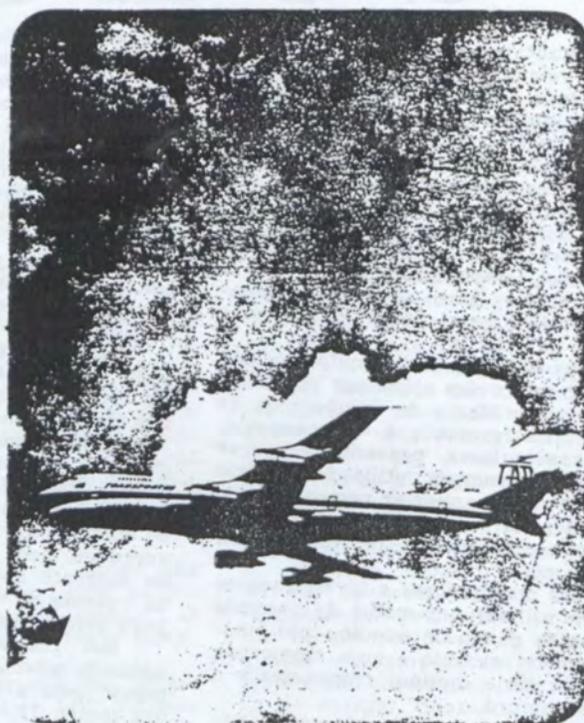
Visto a três quartos, a versão exclusivamente eléctrica da Série 512 da GM denuncia uma forma espacial, muito ao gosto da mentalidade americana

AGÊNCIA DE VIAGENS

CAMPIÃO

Avenida dos Combatentes, 114

Telefone 23048 - LUANDA



A. PIMENTA, LIMITADA

GUIMARÃES - PORTUGAL

FÁBRICAS E ARMAZÉNS DE LANIFÍCIOS
E FIBRAS ARTIFICIAIS

RUA DE PAIO GALVÃO

TELEF. P. P. C. 40181 - 40182 (2 LINHAS)

Apartado n.º 20

Telegramas JOVAZ



FOTOGRAFIA

OU

As coisas novas precisam de nomes diferentes!
Por isso quando se fotografa a cores com FUJICOLOR, o que se faz é FUJIGRAFAR.

Onde está a diferença?
Os filmes FUJICOLOR, fabricados pela mais importante empresa fotográfica do Japão, são actualmente os únicos filmes a cores com sensibilidade 100 ASA que pode adquirir em Angola.

Para si, na prática, 100 ASA significa maior rapidez. Poder reduzir o tempo de exposição e assim aumentar a precisão das imagens, captar com maior nitidez pessoas e objectos em movimento, ou FUJIGRAFAR em lugares demasiado escuros para outras marcas de películas.

Se juntar a esta fundamental vantagem técnica, a qualidade das cores, de uma fidelidade extraordinária do natural, compreenderá por que fazer fotografia com FUJICOLOR nós chamamos FUJIGRAFAR.

E, finalmente, ter melhores fotografias usando o melhor material sensível que a técnica japonesa criou nestes últimos anos.

FUJIGRAFIA ?

Prove-o! Na próxima vez que carregue a sua máquina fotográfica, peça, exija, ao seu vendedor a caixa verde de FUJICOLOR (ou FUJICHROME para diapositivos) com a marca N-100 ou R-100. Não esqueça!

... E não se deixe convencer do contrário (o contrário seria voltar, simplesmente a fazer fotografias correntes).

FUJICOLOR
a cor que seus olhos vêem



Representante exclusivo
para Angola:

colorama

LABORATORIOS FOTOGRAFICOS

